

# BMEP

Boletim Mensal de Economia  
Portuguesa

- Nº 9 | Setembro 2008



**Gabinete de Estratégia e Estudos**  
Ministério da Economia e da Inovação

## **GPEARI**

**Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação  
e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças e da Administração Pública

## **Ficha Técnica**

---

**Título:** Boletim Mensal de Economia Portuguesa

**Data:** Setembro de 2008

Elaborado com informação disponível até ao dia 22 de Setembro.

### **Editores**

#### **Gabinete de Estratégia e Estudos**

Ministério da Economia e Inovação

Avenida da República, 79

1050-243 Lisboa

Telefone: +351 21 7998158

Fax: +351 21 7998154

URL: <http://www.gee.min-economia.pt>

E-Mail: [gee@gee.min-economia.pt](mailto:gee@gee.min-economia.pt)

#### **Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças e da Administração Pública

Av<sup>a</sup> Infante D. Henrique n.º. 1 – 1.º.

1100 – 278 Lisboa

Telefone: +351 21 8823396

Fax: +351 21 8823399

URL: <http://www.gpeari.min-financas.pt>

E-Mail: [bmep@gpeari.min-financas.pt](mailto:bmep@gpeari.min-financas.pt)

**ISSN: 1646-9062**

## Índice

<b>Conjuntura</b>	<b>1</b>
Sumário	3
1. Enquadramento Internacional	5
2. Conjuntura Nacional	8
3. Comércio Internacional	18
<b>Artigos</b>	<b>25</b>
Em Análise	27
Relacionamento económico com o México	27
<b>Iniciativas e Medidas Legislativas</b>	<b>37</b>
<b>Abreviaturas Utilizadas</b>	<b>45</b>



**Conjuntura**



## Sumário

### Enquadramento Internacional

- \* Passado cerca de um ano após o início da turbulência financeira nos EUA, os mercados financeiros foram abalados pelo anúncio da falência de um dos maiores bancos de investimento norte-americanos e pelos receios associados à situação vulnerável de outras grandes instituições financeiras. Em reacção a estes desenvolvimentos, o Banco Central Europeu, o Federal Reserve e o Banco Central de Inglaterra, entre outros, anunciaram, no dia 18 de Setembro, medidas conjuntas de concessão de liquidez e o Governo norte-americano propôs um plano no valor de 700 mil milhões de dólares para garantir a estabilização do sector financeiro.
- \* Nos EUA, os dados disponíveis para o início do 3º trimestre apontam para a continuação da quebra do investimento e uma significativa desaceleração do consumo privado, com a taxa de desemprego a subir para 6,1% em Agosto (5,3% no 2º trimestre).
- \* Nos meses de Julho e Agosto, o indicador de sentimento económico da UE continuou em tendência descendente. Os indicadores relativos à procura interna evidenciaram um comportamento desfavorável, enquanto as exportações se mantiveram robustas.
- \* Reflectindo a crise de liquidez dos mercados financeiros, as taxas de juro de curto prazo evidenciaram uma tendência ascendente ao longo do mês de Setembro. No dia 22 de Setembro, a taxa de juro a 3 meses situou-se em 3,20% e 5,03% para os EUA e a área do euro, respectivamente (2,81% e 4,96% no final de Agosto).
- \* No início de Setembro, o preço *spot* do petróleo *Brent* continuou em quebra, tendência que se inverteu a partir da segunda metade do mês. Ainda assim, a média do preço do *Brent*, até ao dia 22, cifrou-se em 101,1USD/bbl, 12,8% abaixo da média do mês de Agosto.

### Conjuntura Nacional

- \* De acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do INE, o PIB cresceu 0,7% em termos homólogos reais no 2º trimestre, desacelerando ligeiramente face ao trimestre anterior. Este comportamento resultou da deterioração do contributo da procura interna, em parte, compensado pela melhoria do contributo da procura externa líquida.
- \* Em Julho, a generalidade dos indicadores quantitativos para a actividade económica evidenciaram uma evolução favorável. Do lado da procura, a informação disponível para o início do 3º trimestre sugere um comportamento mais dinâmico do consumo privado, enquanto que, para o investimento, os sinais são mistos, com uma melhoria no material de transporte e uma deterioração na construção.
- \* Em Agosto, a taxa de inflação homóloga cifrou-se em 3,0%, 0,1p.p. abaixo do observado no mês anterior. A variação média dos últimos 12 meses do IPC subiu ligeiramente para 2,8%.
- \* Até Agosto, o défice global do Estado, na óptica da contabilidade pública, foi de 3.465 milhões de euros, revelando uma melhoria de 112 milhões de euros face ao período homólogo. O saldo primário do Estado situou-se em 76,1 milhões de euros, 63,2 milhões de euros acima do verificado no mesmo período de 2007. A Segurança Social apresentou um excedente de 1529,9 milhões de euros, expressando uma melhoria de 616,6 milhões de euros face ao período homólogo. Os Serviços e Fundos Autónomos, excluindo o FRDP e o SNS, apresentam um excedente de 444,9 milhões de euros, 11 milhões de euros abaixo do verificado no mesmo período de 2007.

## Comércio Internacional

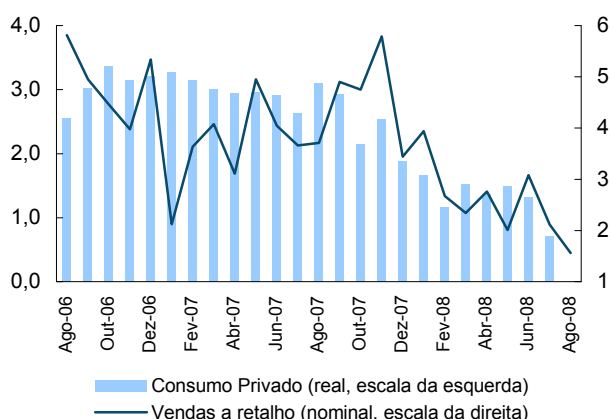
- \* Nos últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008, as “exportações” e as “importações” de mercadorias cresceram, em termos homólogos, respectivamente 5,1% e 10,2%.
- \* Segundo dados já disponíveis para o período de *Janeiro a Julho de 2008* para o comércio extracomunitário, as exportações para os países terceiros, nos últimos 12 meses, terão aumentado 11,6%, e as importações 23,9%.
- \* Nos últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008, as “exportações” de Bens e Serviços aumentaram 7,0% em termos homólogos. Desse crescimento, 48,0% é explicado pelas “exportações” de Serviços.
- \* As rubricas das “exportações” de Bens e Serviços que maiores crescimentos homólogos revelaram foram as da área dos Serviços, designadamente as da “Informação e Informática” (+37,2%), das “Operações Governamentais” (+31,9%) e da “Construção” (+31,4%). Seguiram-se os grupos de produtos “Energéticos” (+29,5%) e “Agro-alimentares” (+18,8%), e os serviços de “Outros Fornecimentos por Empresas” (+15,8%).
- \* No mesmo período, as rubricas que proporcionalmente mais contribuíram para o crescimento das “exportações” de Bens e Serviços, foram o grupo de produtos “Agro-alimentares” (17,0%), os serviços de “Viagens e Turismo” (16,8%), o grupo de produtos “Energéticos” (13,8%), os serviços de “Outros Fornecimentos por Empresas” (12,0%), o grupo de produtos “Químicos” (10,6%), e os serviços de “Transportes” (10,4%).

## 1. Enquadramento Internacional

### Actividade Económica Extra-UE

O aumento da instabilidade dos mercados financeiros a partir de meados de Setembro, em consequência de problemas no sector financeiro nos **EUA**, obrigou a operações de cedência de liquidez por parte dos principais bancos centrais e a proposta, por parte das autoridades norte americanas, de compra de activos de baixa qualidade dos bancos do país, nomeadamente os que estão mais ligados a hipotecas de alto risco.

**Figura 1.1. Consumo Privado e Vendas a Retalho dos EUA (VH, em %)**



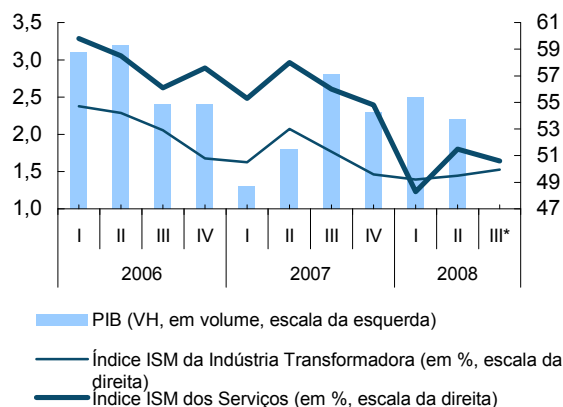
Fonte: *Bureau of Economic Analysis*.

No 3º trimestre, em termos homólogos:

- o consumo privado desacelerou para 0,7% em termos reais em Julho (1,3% em Junho) e as vendas a retalho cresceram 1,8% em termos nominais no conjunto dos meses de Julho e Agosto (2,6% no 2º trimestre);
- os indicadores de confiança da indústria e dos serviços enfraqueceram, em média, no conjunto dos meses de Julho e Agosto e a produção industrial apresentou uma quebra neste período;
- o investimento total em construção continuou a cair, influenciado pelo segmento residencial que diminuiu 27% em Julho (-28% em Junho).

A taxa de desemprego subiu para 6,1% em Agosto, o nível mais alto desde Outubro de 2003 e a taxa de inflação homóloga diminuiu para 5,4% (5,6% em Julho).

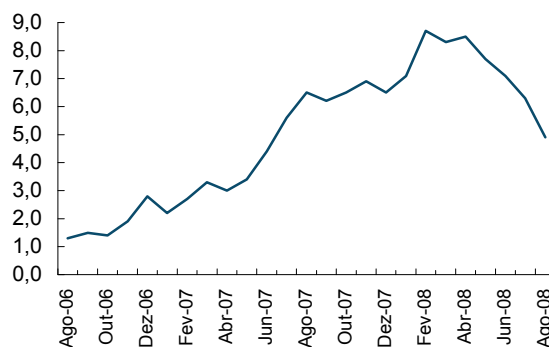
**Figura 1.2. PIB e Índices de Confiança na Indústria e nos Serviços dos EUA**



Fontes: *Bureau of Economic Analysis; Institute for Supply Management*.  
Nota: um valor >50 indica expansão e <50 representa contracção da actividade. \* Média de Julho e Agosto.

A actividade económica da **China** continuou a apresentar um forte dinamismo, especialmente significativo ao nível da procura interna. As exportações abrandaram em Agosto, em parte, devido ao enfraquecimento da generalidade das economias. A taxa de inflação continuou a diminuir, tendo-se situado em 4,9% em termos homólogos em Agosto (6,3% em Julho).

**Figura 1.3. Taxa de Inflação da China (VH)**



Fonte: Instituto de Estatística da China (NBSC).

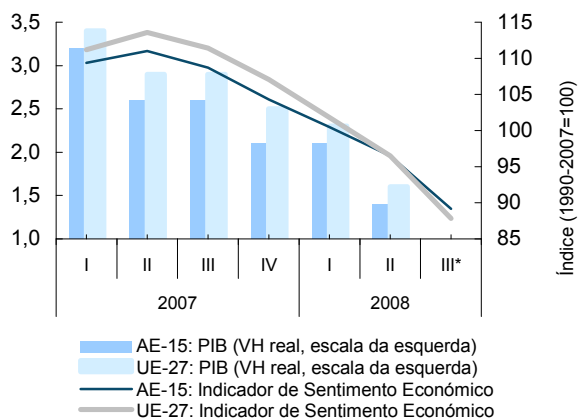
**Quadro 1.1. Indicadores de Actividade Económica Extra-UE**

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
EUA – PIB real	VH	BEA	2,0	1,8	2,8	2,3	2,5	2,2	-	-	-	-
Índice de Produção Industrial	VH	BGFRS	1,7	1,4	1,8	2,1	1,8	0,3	0,3	0,1	-0,4	-1,5
Índice ISM da Indústria Transformadora	%	ISM	51,1	53,0	51,3	49,6	49,2	49,5	49,6	50,2	50,0	49,9
Índice ISM dos Serviços	%	"	56,0	58,0	56,0	54,8	48,3	51,5	53,6	49,9	49,6	51,6
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE	Michigan	85,6	86,9	85,7	77,5	72,9	59,6	59,8	56,4	61,2	63,0
Taxa de Desemprego	%	BLS	4,6	4,5	4,7	4,8	4,9	5,3	5,5	5,5	5,7	6,1
China – PIB real	VH	NBSC	11,8	11,9	11,5	11,2	10,6	10,1	-	-	-	-
Exportações	VH	MC	25,7	27,6	26,5	22,2	21,2	22,5	28,1	17,6	26,9	21,0
Japão – PIB real	VH	COGJ	2,1	1,8	1,8	1,4	1,2	0,8	-	-	-	-

### Actividade Económica da UE

No conjunto dos meses de Julho e Agosto, o indicador de sentimento económico diminuiu para o conjunto da UE (União Europeia) e da AE (área do euro), com destaque para o enfraquecimento significativo do Reino Unido, Itália, Alemanha e Espanha. Todas as componentes daquele indicador diminuíram, tendo sido o indicador de confiança dos empresários do comércio a retalho aquele que registou uma deterioração mais significativa.

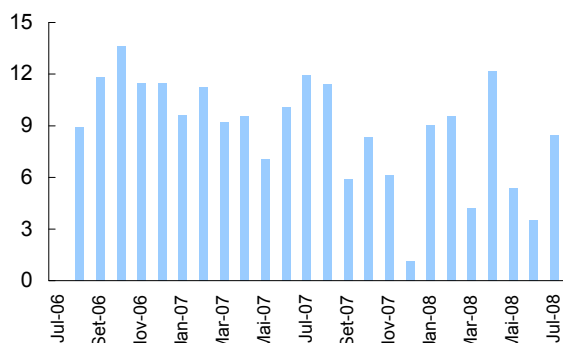
**Figura 1.4. PIB e Sentimento Económico da UE e Área do Euro**



Fontes: CE; Eurostat. \* Média de Julho e Agosto.

Os indicadores quantitativos disponíveis para a área do euro, em Julho, indiciam uma desaceleração da procura interna e a continuação de uma evolução favorável das exportações.

**Figura 1.5. Exportações da Área do Euro (VH nominal)**



Fonte: Eurostat.

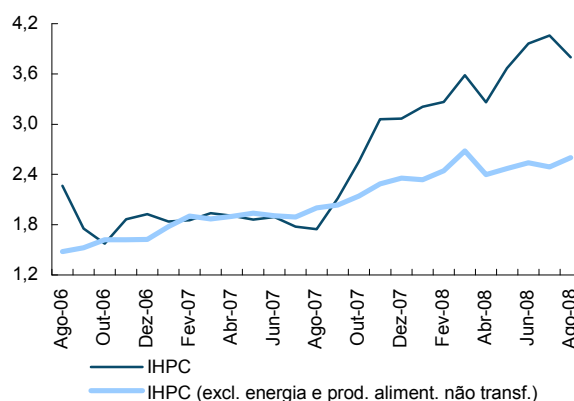
Em Julho e, em termos homólogos:

- as vendas a retalho registaram uma quebra de 2,9% em termos reais (-2,2% em Junho), salientando-se uma diminuição significativa tanto em Espanha como na Alemanha;
- o total da produção industrial caiu, pelo 3º mês consecutivo, evolução que abrangeu todos os tipos de bens, tendo sido mais acentuada no caso da produção de bens de investimento;
- as exportações aumentaram 8,5% em termos nominais (3,5% em Junho).

A taxa de desemprego na área do euro manteve-se em 7,3% em Julho, tendo-se, no entanto, assistido a uma tendência ascendente em alguns países, com destaque para a continuação da subida em Espanha, para 11% (10,7% em Junho).

Em Agosto, a taxa de inflação da área do euro abrandou para 3,8% em termos homólogos (4% em Julho), mas subiu para 3,3% em termos de variação média dos últimos 12 meses (3,1% em Julho). A taxa de inflação homóloga, excluindo os preços dos produtos energéticos e alimentares não transformados, subiu para 2,6% (2,5% entre Maio e Julho).

**Figura 1.6. Índice Harmonizado de Preços no Consumidor da Área do Euro (VH, em %)**



Fonte: Eurostat.

Na área do euro, os custos horários do trabalho do total da economia (excluindo os sectores da Administração Pública, Educação, Saúde e Outras Actividades) desaceleraram para 2,7% em termos homólogos nominais no 2º trimestre (3,5% no 1º trimestre).

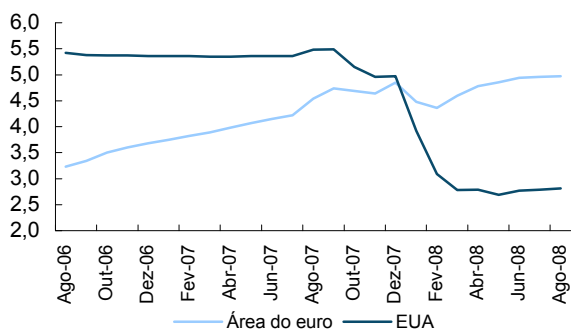
**Quadro 1.2. Indicadores de Actividade Económica da UE**

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
União Europeia (UE-27) – PIB real	VH	Eurostat	2,9	2,9	2,9	2,5	2,3	1,6	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	110,8	113,6	111,4	107,1	101,8	96,5	97,1	94,5	88,8	86,9
Área do Euro (AE-15) – PIB real	VH	Eurostat	2,6	2,6	2,6	2,1	2,1	1,4	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	108,4	111,0	108,7	104,3	100,5	96,5	97,6	94,8	89,5	88,8
Índice de Produção Industrial	VH	Eurostat	3,4	2,9	3,9	2,9	2,4	0,9	-0,2	-0,6	-1,5	.
Índice de Vendas a Retalho	VH real	"	1,0	1,1	1,3	0,0	-0,5	-1,6	-0,3	-2,2	-2,9	.
Taxa de Desemprego	%	"	7,4	7,5	7,4	7,3	7,2	7,3	7,3	7,3	7,3	.
IHPC	VH	"	2,1	1,9	1,9	2,9	3,4	3,6	3,7	4,0	4,0	3,8

## Mercados Financeiros e Matérias-Primas

Em Agosto, as taxas de juro de curto prazo (a 3 meses) subiram ligeiramente, tanto nos EUA como na área do euro, para 2,81% e 4,97%, em média, respectivamente (2,79% e 4,96%, em Julho). A partir de meados de Setembro, e na sequência da turbulência dos mercados financeiros internacionais, estas taxas têm apresentado uma tendência de subida mais pronunciada, especialmente nos EUA, situando-se em 3,2%, no dia 22.

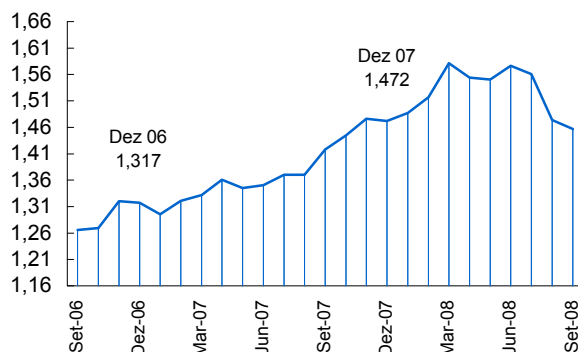
**Figura 1.7. Taxa de Juro a 3 meses do Mercado Monetário** (média do período, em %)



Fonte: BCE.

Por seu lado, as taxas de juro de longo prazo continuaram a registar uma tendência de baixa em Agosto, mais acentuada no caso da área do euro. A *yield* das Obrigações do Tesouro a 10 anos situou-se, em média, em 3,89% nos EUA (3,98% em Julho) e em 4,5% na área do euro (4,76% em Julho).

**Figura 1.8. Taxa de Câmbio do Euro face ao Dólar** (fim do período)



Fonte: Banco de Portugal. Para Setembro o valor é do dia 22.

**Quadro 1.3. Indicadores Monetários e Financeiros Internacionais**

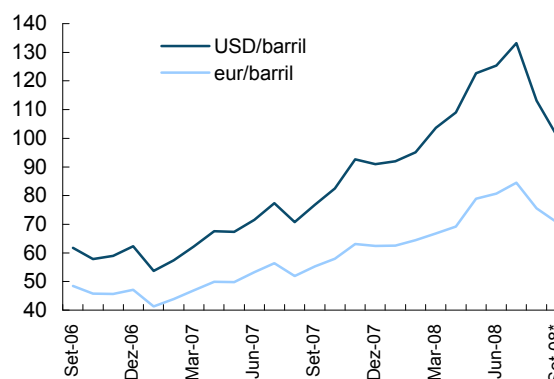
Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
Taxa Euribor a 3 meses*	%	BP	4,69	4,18	4,79	4,69	4,73	4,95	4,86	4,95	4,97	4,96
Yield OT 10 anos – EUA**	%	Eurostat	4,63	4,85	4,73	4,26	3,65	3,87	3,87	4,09	3,98	3,89
Yield OT 10 anos – Área do euro**	%	"	4,32	4,41	4,46	4,34	4,12	4,50	4,43	4,78	4,76	4,50
Taxa de Câmbio*	Eur/USD	BP	1,472	1,351	1,418	1,472	1,581	1,576	1,551	1,576	1,561	1,474
Dow Jones*	VC	Yahoo	6,4	8,5	3,6	-4,5	-7,6	-7,4	-1,4	-10,2	0,2	1,5
DJ Euro Stoxx50*	VC	"	6,8	7,4	-2,4	0,4	-17,5	-7,6	-1,2	-11,3	0,4	-0,1
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	USD/bbl	DGEG	72,55	68,77	74,97	88,70	96,91	119,07	122,73	125,45	133,18	113,08
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	VH	"	11,4	-1,2	7,9	48,6	67,8	73,1	82,3	75,5	72,2	59,9
Spot do Petróleo Brent em euros/bbl**	VH	DGEG e BP	2,0	-8,0	0,0	32,3	46,6	49,5	58,4	51,4	49,8	45,4
Preço Relativo do Petróleo em euros***	1979=100	GEE	52,7	51,4	54,4	60,0	64,5	77,0	77,4	86,5	84,9	74,5

\* Fim de período; \*\* Valores médios; \*\*\* Preço Relativo do Petróleo é o rácio entre o preço de importação de ramas de petróleo bruto em euros e o deflador do PIB em Portugal (sempre que não haja deflador, utiliza-se o último deflador conhecido).

Em Agosto, em termos médios, o euro depreciou-se face às principais divisas, tendência que se prolongou nas 3 primeiras semanas de Setembro. Face ao dólar, o euro tem vindo a depreciar-se, tendo atingido, no dia 22, o valor de 1,46, representando uma depreciação de 1,1% face ao final do mês de Agosto.

Ao longo do mês de Setembro, o preço do petróleo Brent tem vindo a apresentar uma queda, situando-se, em média, até ao dia 22, em 101 USD/bbl (71 €/bbl), 31% (24%) abaixo do valor mais alto registado este ano, em meados de Julho. Este comportamento esteve, em parte, associada à perspectiva de maior abrandamento económico por parte das economias mais desenvolvidas.

**Figura 1.9. Preço Médio Spot do Petróleo Brent** (em USD e euros)



Fontes: DGEG, IGCP e BP. \* Média dos dias 1 a 22.

Em Agosto, o preço relativo do petróleo importado diminuiu para 74,5% do valor máximo atingido durante a crise petrolífera de 1979.

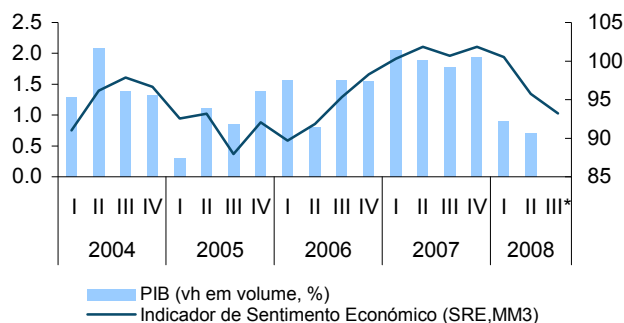
Também neste mês, o crescimento do preço das matérias-primas não energéticas abrandou, para 15% em termos homólogos (18% em Julho). Esta evolução resultou sobretudo do menor crescimento dos preços dos produtos alimentares, de 41% em Julho para 29% em Agosto.

## 2. Conjuntura Nacional

### Actividade económica e Oferta

No 2º trimestre, o PIB cresceu 0,7%, em termos homólogos reais, de acordo com a estimativa das Contas Nacionais Trimestrais do INE, desacelerando face ao ocorrido no trimestre anterior (+0,9%).

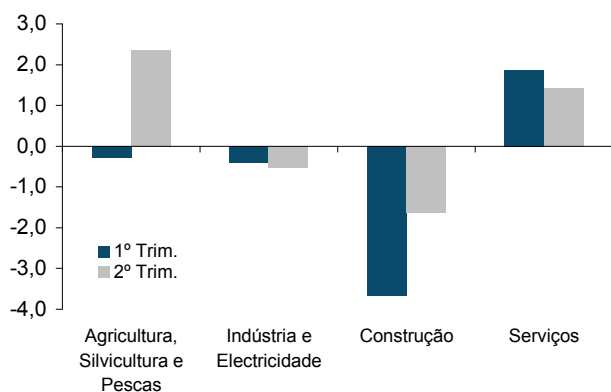
**Figura 2.1. PIB e Sentimento Económico**



Fontes: INE e CE. \* Julho e Agosto.

Esta evolução reflectiu uma deterioração do contributo da procura interna, em virtude do abrandamento do consumo privado, compensada, em parte, por uma melhoria da procura externa líquida, associada à desaceleração mais acentuada das importações face à das exportações.

**Figura 2.2. VAB por sectores em 2008**  
(VH real, %)

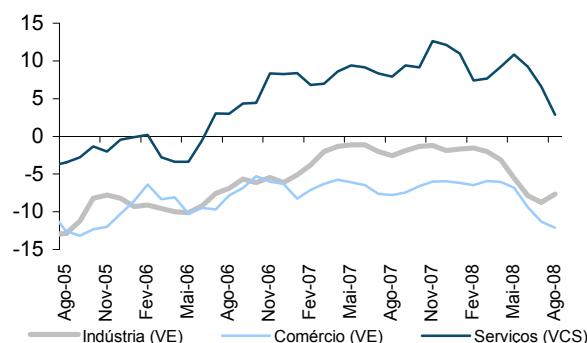


Fonte: INE, Contas Nacionais Trimestrais 2º Trimestre de 2008.

Em relação ao VAB, em termos homólogos, no 2º trimestre a actividade melhorou na agricultura e na construção e piorou na indústria e electricidade e nos serviços.

Nos 2 primeiros meses do 3º trimestre, e face ao trimestre precedente, a confiança dos empresários melhorou na indústria e piorou nos outros sectores de actividade.

**Figura 2.3. Indicadores de Confiança**  
(SRE, MM3)



Fonte: INE.

Os indicadores quantitativos disponíveis para Julho apresentaram na generalidade dos sectores um comportamento mais favorável, face ao mês anterior. Assim, neste período, e em termos homólogos:

- nos serviços, tanto o índice de volume de negócios nos serviços como no comércio a retalho, registaram uma melhoria (5,8% e 4,8%, que compara com -0,2% e 1,6%, em Junho, respectivamente);
- na indústria transformadora, tanto a produção industrial como o volume de negócios registaram crescimentos de 0,5% e 9,7%, respectivamente (-3,5% e 3,9% no mês anterior);
- na construção, a produção continuou a apresentar quebras, mas mais moderadas do que nos meses anteriores (-1,5% que compara com -2,9% em Junho).

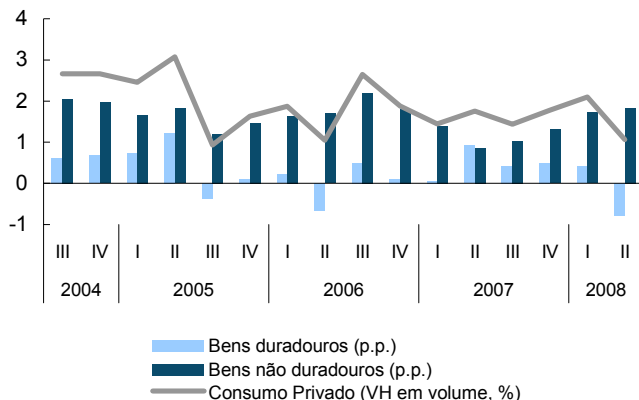
**Quadro 2.1. Indicadores de Actividade Económica e Oferta**

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
PIB – CN Trimestrais	VH Real	INE	1,9	1,9	1,6	1,9	0,9	0,9	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	101,2	101,9	100,7	101,9	100,5	95,7	95,7	95,1	93,2	93,2
Indicador de Confiança da Indústria	SRE-VE	INE	-2	-1	-2	-2	-2	-8	-8	-10	-8	-5
Indicador de Confiança do Comércio	"	"	-7	-6	-7	-6	-6	-9	-9	-13	-13	-11
Indicador de Confiança dos Serviços	SRE-VCS	"	9	9	9	12	8	9	11	6	3	0
Indicador de Confiança da Construção	SRE-VE	"	-41	-41	-39	-43	-38	-37	-37	-38	-39	-41
Índice de Produção Industrial – Ind. Transf.	VH	"	3,2	3,4	2,0	2,8	-0,3	-1,8	-6,1	-3,5	0,5	:
Índice de Volume de Negócios – Ind. Transf.	"	"	6,2	6,1	3,9	7,0	3,8	5,4	-0,1	3,9	9,7	:
Índice de Volume de Negócios - Serviços	"	"	4,5	3,8	4,6	6,2	3,1	1,5	-0,2	-0,2	5,8	:

## Consumo Privado

No 2º trimestre de 2007, o crescimento homólogo real do consumo privado abrandou para 1,1% (2,1% no 1º trimestre), em resultado da acentuada quebra homóloga (6,1%) registada nos bens duradouros. Ainda assim, no primeiro semestre do ano, o consumo privado registou um crescimento homólogo real de 1,6%, um resultado igual ao que se observou no primeiro semestre de 2007.

**Figura 2.4. Crescimento Real do Consumo Privado e Principais Contributos**



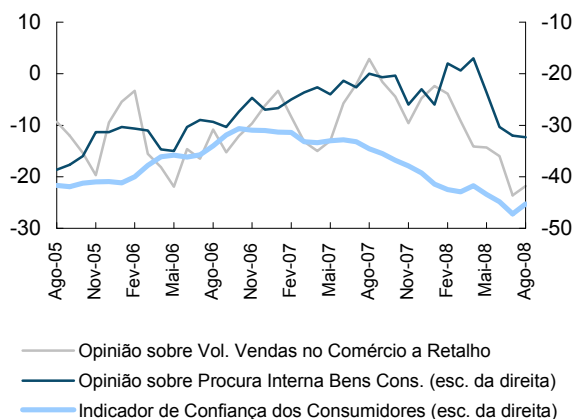
Fonte: INE.

Em Julho, o índice de volume de negócios no comércio a retalho registou uma variação homóloga de 1,9%, acelerando face ao mês anterior (-1,6%). Ambas as categorias de bens (alimentares e não alimentares) registaram acelerações significativas, apresentando variações homólogas de 2,9% e 1%, respectivamente.

Em Agosto, o indicador de confiança dos consumidores exibiu uma melhoria face ao valor do mês precedente, invertendo a deterioração registada no mês anterior. Esta evolução foi motivada, sobretudo, pela melhoria das perspectivas quanto à situação financeira das famílias e à situação económica do país.

No mesmo período, as opiniões dos empresários evidenciaram uma melhoria no que diz respeito à avaliação da actividade no comércio a retalho, mas a apreciação feita à procura interna dirigida à indústria transformadora de bens de consumo manteve-se inalterada face a Julho.

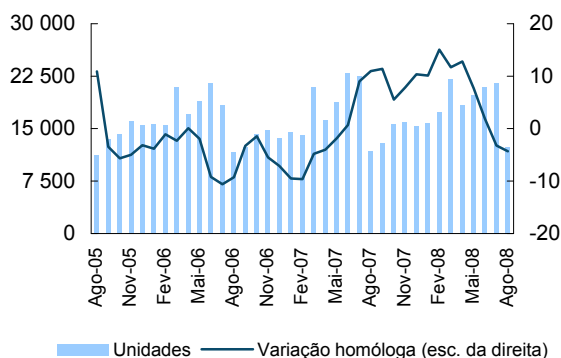
**Figura 2.5. Opiniões dos Empresários e Confiança dos Consumidores (SRE-VE, MM3)**



Fonte: INE.

A venda de automóveis ligeiros de passageiros registou, em Agosto, uma variação homóloga de 4,8%, invertendo as quebras homólogas registadas em Junho e Julho (-8,9% e -4,4%, respectivamente). Ainda assim, no conjunto dos dois primeiros meses do 3º trimestre, as vendas de automóveis diminuíram 1,4% em termos homólogos.

**Figura 2.6. Venda de Automóveis Ligeiros de Passageiros**



Fonte: ACAP.

**Quadro 2.2. Indicadores de Consumo Privado**

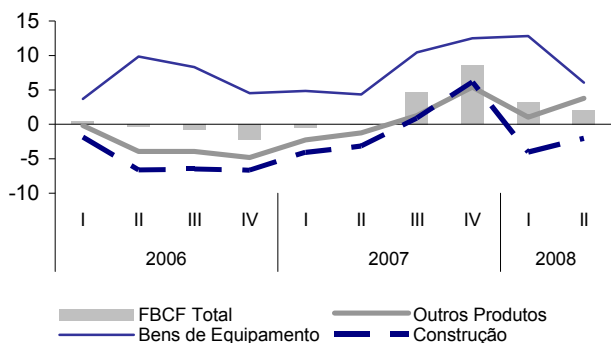
Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
Consumo Privado - CN Trimestrais	VH real	INE	1,6	1,8	1,4	1,8	2,1	1,1	-	-	-	-
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE-VE	"	-35,2	-33	-36	-39	-43	-45	-47	-46	-48	-41
Volume de Vendas no Comércio a Retalho	VH	"	-6	-6	-2	-5	-9	-16	-16	-21	-34	-11
Índice de Vol. Negócios no Comércio a Retalho*	VH	"	0	-0,5	-0,4	-0,3	1,6	0,4	2,2	-1,6	1,9	:
Bens alimentares	VH	"	-0,2	0,5	-1,1	-2,4	3,3	1,6	3,9	-0,8	2,9	:
Bens não alimentares	VH	ACAP	0,1	-1,4	0,3	1,4	0,1	-0,6	0,8	-2,3	1,0	:
Vendas de Automóveis Ligeiros de Passageiros**	VH	INE	3,7	0,7	11,4	10,3	11,7	1,9	5,1	-8,9	-4,4	4,8
Importações de bens de consumo***	VH	INE	9,1	8,3	9,9	7,3	2,6	1,6	0,3	-1,6	:	:

\* Índices deflacionados, corrigidos de sazonalidade e de dias úteis; \*\* Inclui veículos Todo-o-Terreno e Monovolumes com mais de 2300Kg; \*\*\* Exclui material de transporte.

**Investimento**

No 2º trimestre de 2008, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) abrandou ligeiramente para 2,1%, em termos homólogos (3,1% no 1º trimestre). Para este comportamento contribuiu a forte desaceleração do investimento em Material de Transporte e o abrandamento dos Produtos Metálicos e Máquinas, enquanto a Construção apresentou uma melhoria.

**Figura 2.7.FBCF e Componentes**  
(VH, Preços Constantes 2000)

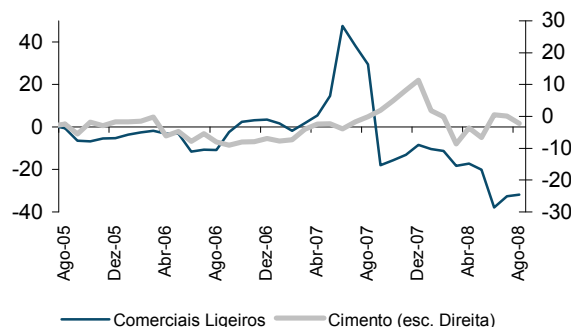


Fontes: SECIL e CIMPOR.

Os dados disponíveis para o investimento para os meses de Julho e Agosto apresentaram um comportamento diferenciado. Assim:

- as vendas de cimento deterioraram-se, tendo registado uma quebra de 5,2%, em termos médios homólogos (+0,5% no 2º trimestre);
- as opiniões dos empresários sobre a evolução das vendas de bens de investimento no comércio por grosso foram menos desfavoráveis;
- as vendas de veículos comerciais ligeiros aumentaram 11,2%, melhorando face à quebra de 38% no trimestre precedente.

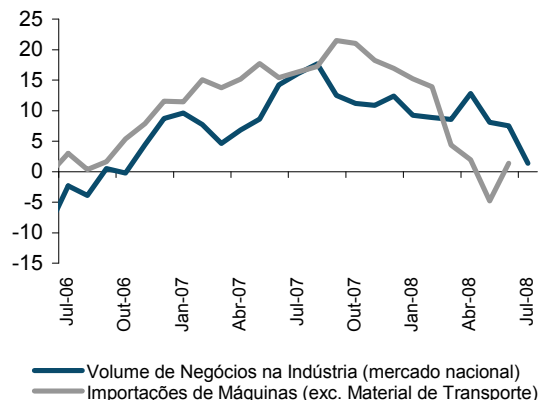
**Figura 2.8. Indicadores de Investimento**  
(VH, MM3)



Fontes: ACAP, CIMPOR e SECIL.

Em Julho, o índice de volume de negócios nas indústrias de bens de investimento para o mercado nacional apresentou uma quebra homóloga marginal de 0,3% (5% em Julho).

**Figura 2.9. Bens de Equipamento**  
(VH, MM3)



Fonte: INE.

**Quadro 2.3 Indicadores de Investimento**

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
FBCF – CN Trimestrais	VH Real	INE	3,2	0,1	4,7	8,6	3,3	2,1	:	:	:	:
Vendas de Cimento	VH	SECIL e CIMPOR	1,0	-3,9	1,9	11,3	-8,7	0,5	-6,4	3,9	3,4	-15,1
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	VH	ACAP	6,1	47,7	-18,0	-8,3	-18,3	-38,0	-20,8	-59,5	24,1	-4,1
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	VH	ACAP	6,4	-8,3	-19,8	92,9	19,0	3,9	-6,8	3,4	9,7	-22,4
Volume Vendas Bens de Investimento*	SRE-VE	INE	0	-1	1	4	-4	-18	-13	-30	-12	-20
Licenças de Construção de fogos	VH	INE	-7,3	-15,3	-3,4	-8,6	-19,7	-18,3	-33,9	-22,4	-40,0	:
Importações de Bens de Capital**	VH	INE	16,8	15,4	21,5	16,9	4,4	1,4	-7,6	5,5	:	:
Índice Vol. Negócios da IT de Bens de Inv.***	VH	INE	11,1	14,2	12,5	12,4	8,6	7,5	-0,8	5,0	-0,3	:

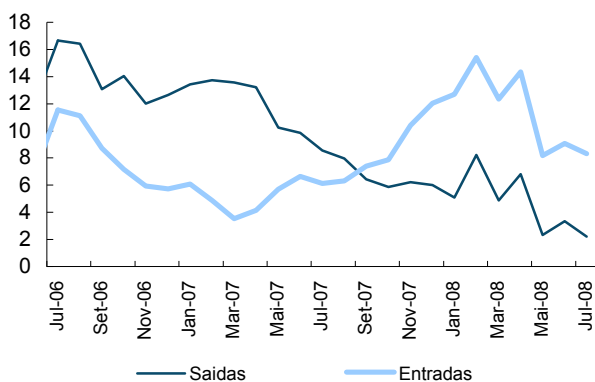
\* no Comércio por Grosso; \*\* excepto Material de Transporte; \*\*\* para o Mercado nacional

## Contas Externas

Segundo os dados das Contas Nacionais Trimestrais do INE, no 2º trimestre as exportações e as importações cresceram 1,5% e 3,3%, respectivamente, em termos homólogos reais, representando uma desaceleração face ao ocorrido no trimestre anterior (3,9% e 6,3%, respectivamente). Para este resultado contribuiu a desaceleração dos fluxos comerciais tanto de bens como de serviços. O saldo da balança de bens e serviços manteve-se praticamente inalterado (-8,7% do PIB), enquanto as necessidades de financiamento líquidas apresentaram uma ligeira deterioração (-10,1% do PIB que compara com -9,9% do PIB no 1º trimestre do ano).

Os dados relativos a Julho (incorporando a informação preliminar do SDDS) apontam para uma aceleração dos fluxos do comércio externo, mais acentuada nas importações. Assim, em termos homólogos nominais, as importações apresentaram um crescimento de 15,3% e as exportações de 8,7% (5,2% e -2,3% em Junho, respectivamente).

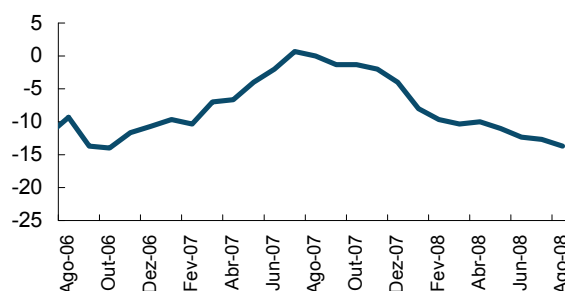
**Figura 2.10. Fluxos de Mercadorias**  
(MM3, VH, %)



Fonte: INE.

As opiniões dos industriais quanto à procura externa deterioraram-se ligeiramente nos meses de Julho e Agosto, face ao trimestre precedente.

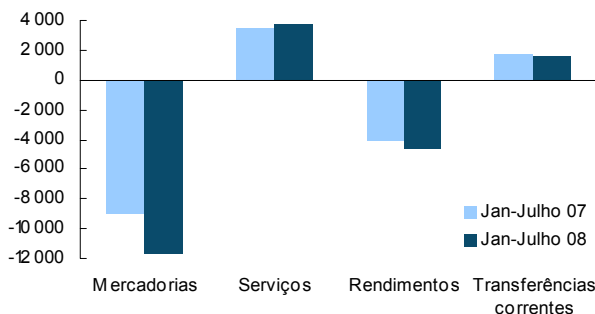
**Figura 2.11. Opiniões sobre Procura Externa – IT\***  
(SRE, MM3)



Fonte: INE. \* Indústria Transformadora.

De acordo com os dados do Banco de Portugal até Julho, as necessidades de financiamento da economia portuguesa, medidas pelo saldo conjunto das balanças corrente e de capital, agravaram-se. Esta evolução resultou de uma deterioração do défice das balanças de mercadorias e de rendimentos e de uma diminuição no saldo das transferências correntes, não compensada pela melhoria verificada no saldo da balança de serviços.

**Figura 2.12. Balança Corrente: Composição do Saldo**  
(em milhões de euros)



Fonte: Banco de Portugal.

## Quadro 2.4. Indicadores de Contas Externas

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Abr	Mai	Jun	Jul
Exportações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	INE	7,1	8,2	6,3	5,4	3,9	1,5	-	-	-	-
Importações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	"	5,4	5,1	6,1	7,5	6,3	3,3	-	-	-	-
Saldo de bens e serviços	% PIB	"	7,2	-6,7	-8,1	-8,1	-8,8	-8,7	-	-	-	-
Necessid. de financiamento da economia	% PIB	"	-8,6	-7,4	-10,2	-9,3	-9,9	-10,1	-	-	-	-
Saídas de mercadorias	VH	"	8,8	9,8	6,4	6,0	4,9	3,3	13,4	0,0	-2,3	8,7*
Entradas de mercadorias	VH	"	7,4	6,6	7,4	12,0	12,3	9,1	18,1	4,6	5,2	15,3*

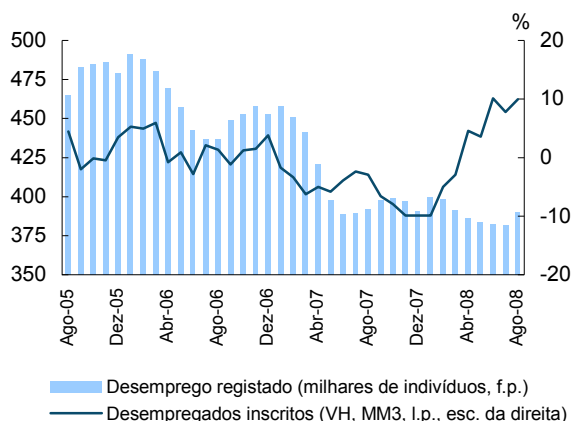
Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007		2008	
				Julho	Jan-Julho	Junho	Jan-Julho
Saldo Balança Corrente e de Capital	10 <sup>6</sup> euros	BP	-13.493	-412	-6.974	-971	-9.306
Saldo Balança de Bens	"	"	-17.501	-1.279	-9.099	-1.764	-11.730
Saldo Balança de Serviços	"	"	6.687	879	3.483	783	3.720
Saldo Balança de Rendimentos	"	"	-7.376	-499	-4.111	-556	-4.630
Saldo Balança de Transf. Correntes	"	"	2.636	340	1.741	304	1.531

\* valores preliminares divulgados pelo INE no âmbito do SDDS.

## Mercado de Trabalho

De acordo com os dados do IEFP, em Agosto, o número de novos desempregados inscritos registou um crescimento homólogo de 6,2%, desacelerando face ao mês precedente (13%). O crescimento médio observado nos dois primeiros meses do 3º trimestre situou-se em 9,6%, um valor ligeiramente inferior ao do 2º trimestre do ano (10,1%).

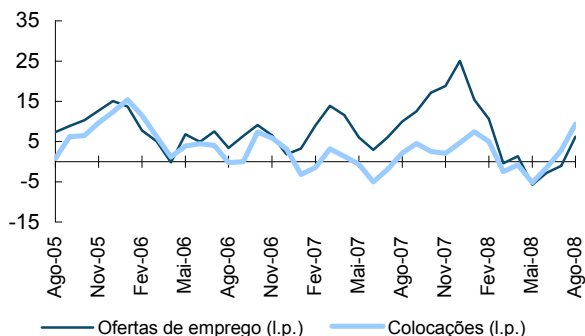
**Figura 2.13. Desemprego**



Fonte: IEFP.

No final do mês de Agosto, o desemprego registado ascendia a cerca de 390 mil indivíduos, o que representa um acréscimo de cerca de 8 mil desempregados face a Julho, e uma diminuição de cerca de 2 mil desempregados face a Agosto de 2007.

**Figura 2.14. Ofertas de Emprego e Colocações**  
(MM3, VH)

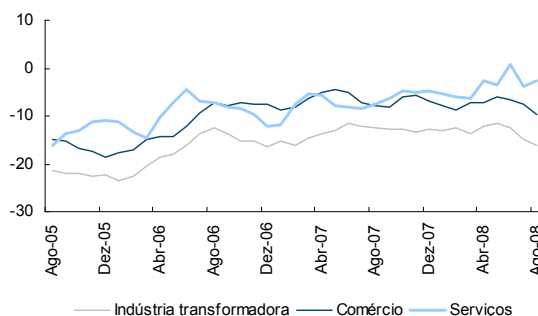


Fonte: IEFP.

A evolução das ofertas de emprego e das colocações reflectiu, ao longo do mês de Agosto, um comportamento menos dinâmico do mercado de trabalho. Com efeito, as ofertas de emprego registaram um crescimento homólogo de 3,2%, o que representa uma desaceleração face a Julho (18,4%). Evolução semelhante foi observada nas colocações, onde se verificou uma variação homóloga de 4,6% (25,1% em Julho).

**Figura 2.15. Perspectivas para a Evolução do Emprego nos Próximos 3 meses**

(SRE, MM3)



Fonte: INE.

Em Agosto, as perspectivas para a evolução do emprego no comércio e na indústria transformadora continuaram a deteriorar-se, mantendo assim a tendência iniciada em Junho. No sector dos serviços, no entanto, o mesmo indicador registou uma melhoria, contrariando a quebra observada no mês precedente.

**Quadro 2.5. Indicadores do Mercado de Trabalho**

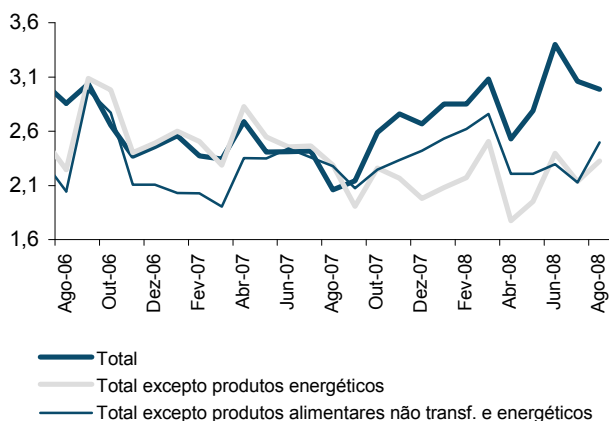
Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007			2008		2008			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mai	Jun	Jul	Ago
Taxa de Desemprego	%	INE	8,0	7,9	7,9	7,8	7,6	7,3	-	-	-	-
Emprego Total	VH	"	0,2	-0,5	0,3	0,9	1,1	1,4	-	-	-	-
Desemprego Registado (f.p.)	VH	IEFP	-13,8	-12,2	-11,3	-13,8	-11,4	-1,6	-3,6	-1,6	-2,0	-0,5
Desempregados Inscritos (l.p.)	VH	"	-6,8	-3,9	-6,6	-9,9	-2,9	10,1	-0,2	10,5	13,0	6,2
Ofertas de Emprego (l.p.)	VH	"	-12,7	2,9	12,5	25,1	-0,4	-2,8	-16,1	-3,3	18,4	3,2
Contratação Colectiva	VHA	MTSS	2,9	2,9	2,9	2,9	3,1	3,0	3,1	3,0	3,1	:
Índice do Custo do Trabalho* - Portugal	VH	INE	4,0	3,7	3,6	4,9	3,4	3,1	-	-	-	-
Índice do Custo do Trabalho* - AE15	VH	Eurostat	2,7	2,6	2,7	2,9	3,1	2,9	-	-	-	-

\*Total, excluindo a Administração Pública, Educação, Saúde e Outras Actividades; f.p. - no fim do período; l.p. - ao longo do período.

## Preços

Em Agosto, a inflação voltou a diminuir. A taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) situou-se em 3,0%, menos 0,1p.p. do que em Julho. Em termos mensais, a variação do IPC cifrou-se em -0,5% (-0,4% no mesmo mês de 2007). A variação média dos últimos 12 meses aumentou para 2,8%, 0,1p.p. acima do verificado no mês anterior.

**Figura 2.16. IPC (VH)**



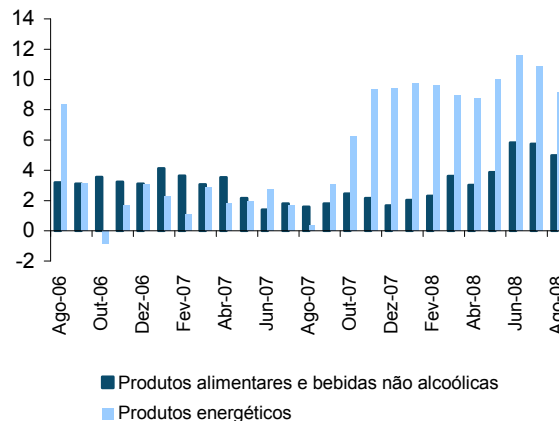
Fonte: INE.

Em Agosto, as classes que mais contribuíram para a variação homóloga do IPC foram os “Produtos alimentares e bebidas não alcoólicas” e os “Transportes”, representando mais de metade daquela variação. Contudo, foram igualmente estas as classes que mais abrandaram face ao mês passado.

Com efeito, e em termos homólogos, registaram-se quebras nos preços dos subgrupos “Carne” (-0,1%) e “Peixe” (-0,7%), o que compara com variações positivas de 1,8% e 0,4% em Julho, e um abrandamento nos preços do “Leite, queijo e ovos” e nos “Combustíveis e lubrificantes” para 10,5% e 13,3%, respectivamente (14% e 16,4% no mês passado). Em sentido contrário, salienta-se a aceleração dos preços da classe “Vestuário e calçado” para 1,5%, após uma quebra de 2,1% em Julho.

Estes desenvolvimentos traduziram-se num aumento da taxa de inflação subjacente para 2,5%, em termos homólogos, mais 0,4p.p do que no mês passado.

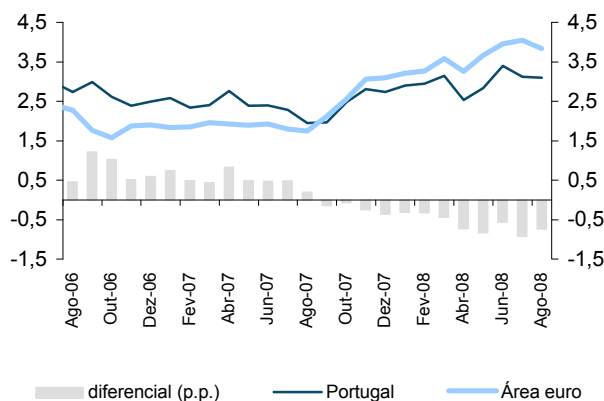
**Figura 2.17. Algumas Componentes do IPC (VH)**



Fonte: INE.

Em Agosto, a variação homóloga do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor manteve-se inalterada em relação ao mês anterior, situando-se em 3,1%. O diferencial face à inflação da área do euro reduziu-se ligeiramente para -0,7p.p..

**Figura 2.18. IHPC (VH)**



Fonte: Eurostat.

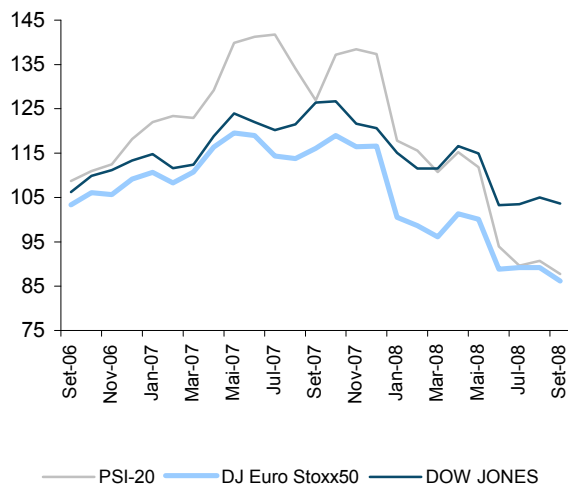
### Quadro 2.6. Indicadores de Preços

Indicador	Unidade	Fonte	2007	2007	2008							
				Ago	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Índice de Preços no Consumidor	VC	INE		-0,3	-0,1	0,0	1,5	0,3	0,4	0,5	-0,6	-0,5
Índice de Preços no Consumidor	VH	"		2,4	2,9	2,9	3,1	2,5	2,8	3,4	3,1	3,0
Índice de Preços no Consumidor	VM12	"	2,5	2,5	2,5	2,5	2,6	2,6	2,6	2,7	2,7	2,8
IPC – Bens	VH	"	2,2	2,1	2,5	2,6	2,9	2,3	2,8	3,7	3,2	3,1
IPC – Serviços	"	"	2,9	3,0	3,4	3,4	3,6	2,8	2,7	2,8	2,7	2,9
IPC excl. aliment. não transf. e energéticos	"	"	2,2	2,4	2,5	2,6	2,8	2,2	2,2	2,3	2,1	2,5
IHPC	"	"	2,4	2,3	2,9	2,9	3,1	2,5	2,8	3,4	3,1	3,1
Diferencial IHPC vs área do euro (VH)	p.p.	Eurostat	0,3	1,8	-0,3	-0,3	-0,4	-0,7	-0,8	-0,6	-0,9	-0,7

### Mercado de Capitais, Crédito e Taxas de Juro

Na sequência do ressurgimento, nos EUA, de novas dificuldades no sector financeiro, a partir de meados de Setembro, assistiu-se, de novo, a uma maior volatilidade nos mercados bolsistas internacionais, interrompendo a relativa estabilização dos últimos 2 meses.

**Figura 2.19. Índices Bolsistas**  
(Fevereiro 2006=100, fim do período)



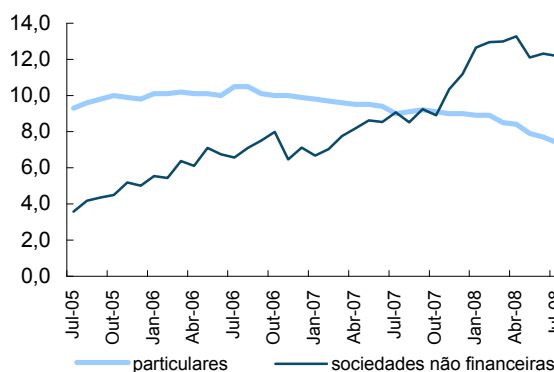
Fontes: CMVM; Finance Yahoo. Para Setembro, o valor é do dia 19.

Em Portugal, a capitalização bolsista total registou uma diminuição significativa, em Agosto, de 6,3% face ao mês precedente, devido à forte quebra no segmento obrigacionista.

Em Julho, o ritmo de crescimento dos empréstimos ao sector privado não financeiro diminuiu, reflectindo o abrandamento do crédito destinado aos particulares para 7,4% (7,7% em Junho) e às empresas para 12,2% (12,3% em Junho).

Relativamente ao crédito aos particulares, destaca-se a continuação da desaceleração do crédito à habitação e um menor crescimento do crédito ao consumo, mantendo-se, no entanto, ainda elevado.

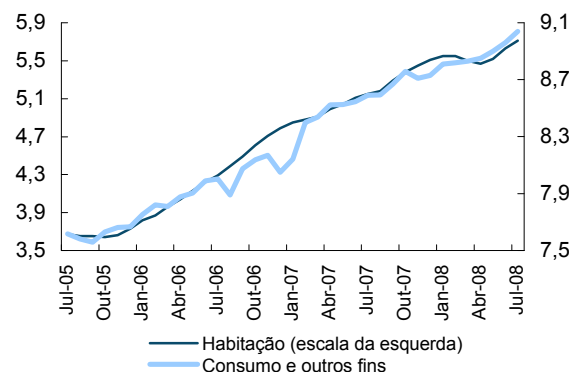
**Figura 2.20. Empréstimos ao Sector Privado**  
(va, em %)



Fonte: Banco de Portugal.

As taxas de juro das operações do crédito aumentaram para as empresas não financeiras e para os particulares, prosseguindo a tendência dos últimos meses. Sendo de referir que a subida registada nos particulares foi mais significativa.

**Figura 2.21. Taxas de Juro de Empréstimos a Particulares** (em %)



Fonte: Banco de Portugal.

**Quadro 2.7. Indicadores Monetários e Financeiros**

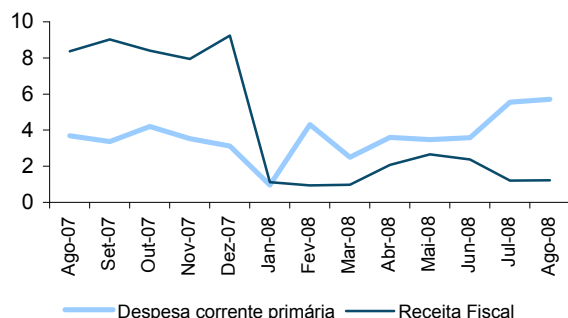
Indicador	Unidade	Fonte	2007	2008											
				Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago			
Yield OT 10 anos PT*	%	IGCP	4,5	4,5	4,2	4,4	4,4	4,6	4,8	5,1	4,8	4,7			
Yield OT 10 – Spread Portugal face a Alemanha*	p.b.	"	20	20	28	49	51	43	34	45	45	49			
PSI 20*	VC	CMVM	16,3	-0,8	-14,3	-1,9	-4,2	4,0	-2,9	-16,0	-4,6	1,2			
Empréstimos a particulares: - para habitação	va**	BP	8,5	8,5	8,4	8,3	7,8	7,7	7,3	7,1	6,8	·			
- para consumo	va**	"	13,7	13,7	11,7	12,4	12,7	12,2	12,9	11,9	11,6	·			
Empréstimos a empresas	va**	"	11,2	11,2	12,7	13,0	13,0	13,3	12,1	12,3	12,2	·			
Taxa de Juro de empréstimos p/ habitação*	%	"	5,51	5,51	5,55	5,55	5,50	5,47	5,52	5,63	5,71	·			
Taxa de Juro de empréstimos p/ empresas*	%	"	6,15	6,15	6,23	6,13	6,11	6,13	6,18	6,29	6,37	·			

\* Fim de período; \*\* Variação anual. Nota: As taxas de variação anual são calculadas com base na relação entre saldos de empréstimos bancários em fim de mês, ajustados de operações de titularização, e transações mensais, as quais são calculadas a partir de saldos corrigidos de reclassificações, de abatimentos ao activo e de reavaliações cambiais e de preço.

## Finanças Públicas – Estado

Até Agosto, o défice global provisório do Estado, na óptica da contabilidade pública, foi de 3.465 milhões de euros, traduzindo uma melhoria de 112 milhões de euros quando comparado com o mesmo período do ano anterior. O saldo primário foi de 76,1 milhões de euros, representando, do mesmo modo, uma melhoria de 63,2 milhões de euros relativamente ao período homólogo.

**Figura 2.22. Execução Orçamental do Estado**  
(VHA, em %)



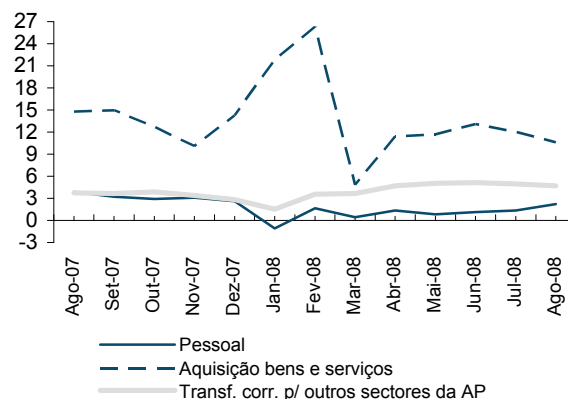
Fonte: DGO.

A execução orçamental do Estado, face ao período homólogo de 2007, caracterizou-se por:

- um aumento da receita fiscal em 1,2%. Os impostos directos registaram um aumento de 5,0%, e os impostos indirectos uma diminuição de 1,3%. A evolução dos impostos indirectos é, em larga medida, explicada pela menor receita de imposto sobre produtos petrolíferos e energéticos (ISP), a qual se reduziu 19%, e do imposto sobre veículos (ISV), que diminuiu 24,1%. Inversamente, verificou-se um aumento da receita do imposto sobre o valor acrescentado (IVA) em 4,6% e a significativa recuperação da receita do imposto sobre o tabaco, compensando, em parte, o decréscimo verificado na receita de ISP e ISV;
- e, um aumento da despesa total em 3,3%. A despesa corrente registou um aumento de 4,8% e a despesa de capital uma redução de 16,5%. Dentro da despesa corrente primária (que cresceu 5,7%) denotaram-se aumentos nas principais rubricas: transferências correntes (4,4%), despesas com pessoal (2,2%), reflectindo em particular o aumento

dos encargos com saúde (10,4%), e aquisição de bens e serviços (10,6%). Contrariamente, registou-se uma diminuição dos encargos com juros em 1,4%.

**Figura 2.23. Despesa do Estado – principais componentes** (VHA, em %)



Fonte: DGO.

Em 31 de Agosto de 2008, a dívida directa do Estado situou-se nos 115 mil milhões de euros, registando-se um decréscimo de 472 milhões de euros face ao final do mês anterior. A evolução da dívida traduz, por um lado, a emissão líquida de Obrigações do Tesouro e Bilhetes do Tesouro (840 milhões de euros, em cada um dos casos) e, em sentido contrário, a diminuição do stock de CEDIC e de certificados de aforro. No mesmo período, o stock da dívida em moedas não euro apresentou uma diminuição do stock em 408 milhões de euros.

**Quadro 2.8. Movimento da Dívida do Estado**  
(milhões de euros)

	31-Jul-08	Ago-08			31-Ago-08
	Saldo	Emissões	Amortiz.	Outros	Saldo
Transaccionável	90 801	2 017	801	31	92 049
Bilhetes do Tesouro	10 948	840	0	0	11 788
Obrigações do Tesouro	78 787	840	0	15	79 642
Não Transaccionável	24 794	4 781	6 500	0	23 074
Certificados de Aforro	17 462	90	214	0	17 339
CEDIC	5 421	2 526	2 785	0	5 163
Total	115 595	6 798	7 301	31	115 123

Fonte: IGCP.

**Quadro 2.9. Execução Orçamental do Estado**

	2007	2008	2007	2008	2008					
	Jan a Ago		Jan a Ago		Mai	Jun	Jul		Ago	
	10 <sup>6</sup> euros		Execução face ao OE corrigido* (%)		VHA (%)					
Receita Total	25 309	26 382	67,0	66,4	4,8	6,4	4,6	(2,5)**	4,2	(2,4)**
Receita Corrente	25 096	25 579	67,3	65,2	3,9	3,3	2,0		1,9	
Impostos Directos	9 033	9 489	67,3	64,2	7,3	6,7	6,7		5,0	
Impostos Indirectos	13 974	13 798	66,1	63,7	-0,7	-0,8	-2,8		-1,3	
Despesa Total	28 886	29 847	64,0	63,3	1,6	1,9	3,5	(1,7)**	3,3	(1,6)**
Despesa Corrente	26 925	28 210	64,4	65,5	3,7	3,9	5,2	(3,3)**	4,8	(3,0)**
Despesa com Pessoal	8 789	8 983	63,9	67,8	0,8	1,1	1,4		2,2	
Aquisição Bens e Serviços	633	701	41,2	46,6	11,7	13,1	12,0		10,6	
Subsídios	234	650	35,0	57,4	-48,5	-32,1	222,9	(-14,3)**	177,5	(-21,5)**
Juros	3 590	3 541	75,5	70,2	5,7	6,2	3,2		-1,4	
Transferências	13 499	14 097	64,8	65,5	5,2	4,8	4,1		4,4	
Saldo Global	-3 577	-3 465	-	-	-	-	-		-	
Saldo Primário	13	76	-	-	-	-	-		-	

\* Corresponde ao OE inicial corrigido das alterações orçamentais da competência do Governo, nomeadamente, os montantes cativos utilizados, as autorizações de despesa, e os reforços de dotação provisional. \*\* Excluindo o efeito da operação de amortização do défice tarifário energético.

Fonte: DGO.

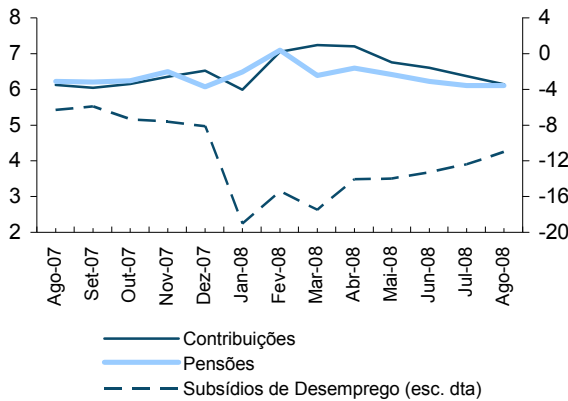
**Segurança Social e Caixa Geral de Aposentações**

Até Agosto, e na óptica da contabilidade pública, o excedente da execução orçamental da Segurança Social foi de 1529,9 milhões de euros, revelando uma melhoria de 616,6 milhões de euros face ao mesmo período de 2007.

A execução orçamental da Segurança Social, face ao período homólogo de 2007, caracterizou-se por:

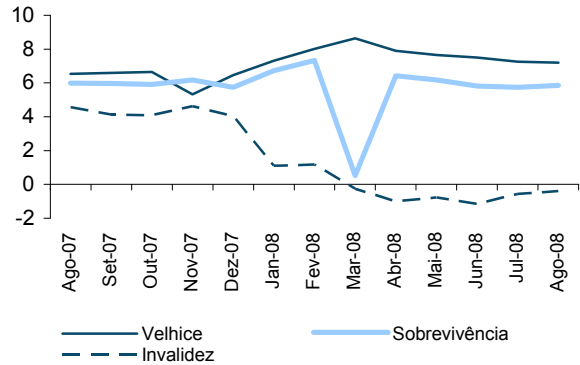
- um aumento da receita corrente em 7,5%, influenciado pelas evoluções positivas das contribuições (6,1%), das transferências correntes da Administração Central (7,7%) e, embora com menor peso, do Fundo Social Europeu (53,8%);
- e um aumento da despesa corrente em 2,9%. Para este resultado contribuiu a subida da despesa em pensões (6,1%), no subsídio familiar a crianças e a jovens (21,5%) e no rendimento social de inserção (13,5%). Contrariamente, verificaram-se decréscimos nos subsídios de desemprego (-11%) e no subsídio por doença (-6,6%), cujo número de beneficiários tem diminuído. Consta-se, ainda, uma diminuição das despesas em acções de formação profissional (-33,5%), sobretudo as suportadas pelo Fundo Social Europeu (-29%).

**Figura 2.24. Execução Orçamental da Segurança Social (VHA, em %)**



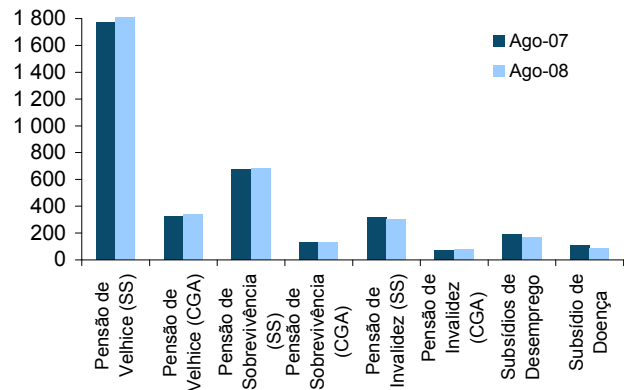
Fonte: DGO.

**Figura 2.25. Despesa em Pensões da Segurança Social (VHA, em %)**



Fonte: DGO

**Figura 2.26. Número de Pensões e Subsídios Atribuídos (milhares)**



Fonte: MTSS.

Até Agosto, e na óptica da contabilidade pública, o défice da Caixa Geral de Aposentações (CGA) foi de 228,3 milhões de euros, o qual compara com 69,5 milhões de euros no mesmo período do ano anterior. A receita corrente apresentou um acréscimo de 1,8% em termos homólogos, sobretudo devido ao aumento da comparticipação do Orçamento do Estado (4,5%) e das contribuições de outras entidades, enquanto as quotas de subscritores decresceram 5,8%. A despesa corrente aumentou 5,2%, reflectindo a evolução da despesa em pensões.

**Quadro 2.10. Execução Orçamental da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações**

	Segurança Social				Caixa Geral de Aposentações					
	2007		2008		2007		2008			
	Jan a Ago		Jan a Ago		Jan a Ago		Jan a Ago			
	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)		
Receita Total	13364	14341	7,3	66,2	64,7	4569	4650	1,8	63,0	63,0
Contribuições e quotizações	8130	8629	6,1	65,9	66,3	1747	1752	0,3	61,3	59,2
Transferências correntes da Adm. Central	3933	4237	7,7	65,3	66,3	2611	2727	4,4	65,4	67,3
Despesa Total	12450	12811	2,9	62,2	59,7	4638	4878	5,2	63,3	63,3
Pensões	7733	8205	6,1	62,6	63,0	4613	4852	5,2	63,5	63,4
Subsídio de Desemp. e Apoio ao Emprego	1156	1029	-11,0	58,8	57,9	-	-	-	-	-
Prestações e Acção Social	2313	2462	6,4	63,0	61,6	-	-	-	-	-
Saldo Global	913	1530	-	-	-	-70	-228	-	-	-

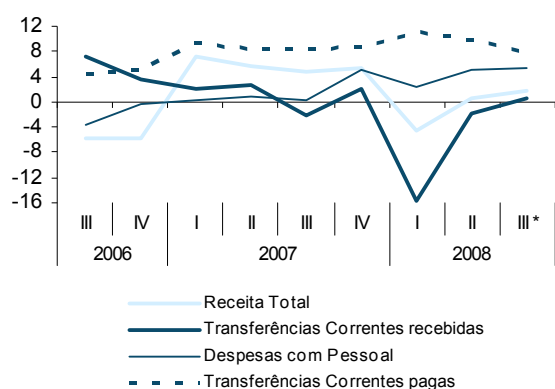
Fontes: DGO e GPEARl.

## Serviços e Fundos Autónomos

### Serviços e Fundos Autónomos, excluindo SNS e FRDP

Até Agosto, o excedente global dos Serviços e Fundos Autónomos (excluindo o SNS e o FRDP), na óptica da contabilidade pública, foi de 444,9 milhões de euros, tendo-se observado uma diminuição de 10,7 milhões de euros face ao período homólogo.

**Figura 2.27. Serviços e Fundos Autónomos**  
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

Nota: \* inclui dados até Agosto.

A execução orçamental dos Serviços e Fundos Autónomos, face ao período homólogo de 2007, caracterizou-se por:

- um aumento de 1,7% na receita, traduzindo a evolução positiva das receitas correntes sob a forma de aumento das contribuições (2,6%) e das transferências correntes (0,5%). Nas transferências correntes, é de destacar o aumento das transferências recebidas da União Europeia (20,2%), enquanto as transferências recebidas da Administração Central diminuíram. A receita de capital registou um acréscimo de 3,5%, reflectindo também um aumento das transferências da União Europeia (9,1%);
- e um aumento da despesa corrente em 3,1%. Este comportamento é fundamentado pelas trajetórias das despesas com pessoal (aumento de 5,2%), da aquisição de bens e serviços (2,2%), das transferências correntes (7,8%) e pela diminuição dos subsídios atribuídos (-29,5%). Com uma evolução oposta, a despesa de capital apresentou uma diminuição de 10,6%.

**Quadro 2.11. Execução Orçamental dos Serviços e Fundos Autónomos**

	Serviços e Fundos Autónomos*					
	2007	2008	2008			
	Jan a Ago		Mai	Jun	Jul	Ago
	10 <sup>6</sup> euros		VHA			
Receita Total	9 414	9 569	1,8	0,6	4,0	1,7
Contribuições p/ Seg. Social, CGA e ADSE	3 979	4 082	0,0	1,7	1,7	2,6
Transferências correntes da Adm. Central	2 205	2 081	-6,3	-4,0	-2,1	-5,6
Despesa Total	8 958	9 124	0,4	2,4	2,8	1,9
Despesa com pessoal	1 230	1 295	3,8	5,0	6,1	5,2
Aquisição de bens e serviços	568	580	8,8	7,1	5,3	2,2
Subcontratos	:	:	:	:	:	:
Transferências correntes	5 501	5 928	10,3	9,9	9,1	7,8
Saldo Global	455	445	:	:	:	:



### Saídas de Mercadorias

Nos últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008, as saídas de mercadorias registaram, face ao período homólogo anterior, uma taxa de crescimento em valor de 5,1% (Quadro 3.3).

No mesmo período, assinalam-se crescimentos a dois dígitos nas saídas dos grupos de produtos "Energéticos" (+29,5%), "Agro-alimentares" (+18,8%), "Produtos Acabados Diversos" (+10,9%), e "Químicos" (+10,3%).

Seguiram-se os grupos "Minérios e Metais" (+6,9%), "Madeira, Cortiça e Papel" (+4,8%), e "Vestuário e Calçado" (+0,7%).

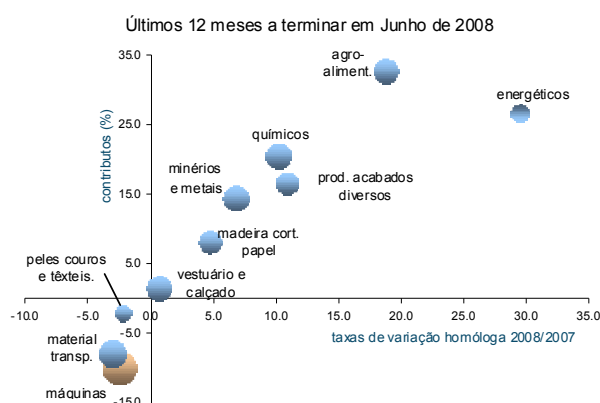
Verificaram-se descidas nos grupos "Material de Transporte" (-3,0%), "Máquinas" (-2,5%), e "Pele, Couros e Têxteis" (-2,2%).

As saídas do grupo "Vestuário e Calçado" reflectiram aumentos no "calçado" (+1,3%), e de menor amplitude no "vestuário excepto de malha" (+0,4%), e no "vestuário de malha" (+0,3%).

Ponderando os pesos no total, os maiores contributos para a taxa de crescimento das saídas de mercadorias no período em análise couberam aos grupos "Agro-alimentares" (32,6%), "Energéticos" (26,5%), "Químicos" (20,4%), "Produtos Acabados Diversos" (16,5%), e "Minérios e Metais" (14,4%).

Menos relevantes foram os contributos positivos dos grupos "Madeira, Cortiça e Papel" (8,1%), e do "Vestuário e Calçado" (1,4%) (Figura 3.2 e Quadro 3.3).

**Figura 3.2. Contributos para o Crescimento das Saídas por Grupos de Produtos (%)**



Nota: A dimensão dos círculos representa o peso relativo de cada grupo de produtos no total das saídas no período.

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE (estimados para Intra-UE): 2007 - terceira versão; 2008 - versão preliminar.

### Quadro 3.3. Saídas\* de Mercadorias por Grupos de Produtos

(Fob)

Grupos de Produtos	Mihões de Euros		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos						
			Anual		Jan-Jun		média anual 02-07**	últimos 12 meses			Jan-Jun		
	2007	2008	2002	2007**	2007	2008		VH	contributos [1]		VH	contributos [1]	
								p.p.	%		p.p.	%	
<b>TOTAL DAS SAÍDAS</b>	<b>19 096</b>	<b>19 879</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>6.1</b>	<b>5.1</b>	<b>5.1</b>	<b>100.0</b>	<b>4.1</b>	<b>4.1</b>	<b>100.0</b>
000 Agro-Alimentares	1 663	1 951	7.8	9.4	8.7	9.8	9.8	18.8	1.7	32.6	17.3	1.5	36.7
100 Energéticos	763	1 227	2.0	4.5	4.0	6.2	25.4	29.5	1.4	26.5	60.8	2.4	59.2
200 Químicos	1 971	2 066	8.1	10.9	10.3	10.4	12.7	10.3	1.0	20.4	4.8	0.5	12.1
300 Madeira, Cortiça e Papel	1 659	1 690	9.6	8.8	8.7	8.5	4.2	4.8	0.4	8.1	1.9	0.2	4.0
400 Peles, Couros e Têxteis	926	874	7.7	4.8	4.9	4.4	-3.6	-2.2	-0.1	-2.1	-5.7	-0.3	-6.7
500 Vestuário e Calçado	2 013	1 940	16.5	10.4	10.5	9.8	-3.3	0.7	0.1	1.4	-3.7	-0.4	-9.4
600 Minérios e Metais	2 105	2 215	6.4	10.8	11.0	11.1	17.9	6.9	0.7	14.4	5.3	0.6	14.1
700 Máquinas	3 861	3 737	19.7	19.9	20.2	18.8	6.3	-2.5	-0.5	-10.0	-3.2	-0.6	-15.8
800 Material de Transporte	2 581	2 544	15.0	12.9	13.5	12.8	2.9	-3.0	-0.4	-7.9	-1.5	-0.2	-4.8
900 Produtos Acabados Diversos	1 554	1 636	7.3	7.7	8.1	8.2	7.2	10.9	0.8	16.5	5.3	0.4	10.5
Por memória:													
Total sem energéticos	18 333	18 652	98.0	95.5	96.0	93.8	5.5	3.9	3.8	73.5	1.7	1.7	40.8

\* Somatório das "Expedições" de mercadorias para a UE com as "Exportações" para Países Terceiros

\*\* O ano de 2007 aqui considerado não inclui estimativas abaixo do limiar de assimilação e das não-respostas para ser comparável com 2002.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das saídas - análise shift-share: TVH x peso no período homólogo anterior + 100

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE (estimados para Intra-UE): 2007 - terceira versão do ano; 2008 - versão preliminar.

Nos últimos 12 meses a terminar em Junho, as expedições para o mercado comunitário cresceram 3,3%, cabendo aos países da UE-15 e aos 12 países do alargamento aumentos respectivamente de 2,7% e de 21,6%. Por sua vez, as exportações para os países terceiros aumentaram 11,2% (Quadro 3.4).

Neste período, salienta-se, entre os países comunitários, o incremento das expedições portuguesas para a Polónia (+24,0%), Dinamarca (+11,0%), Espanha (+7,3%), e Suécia (+6,0%).

Verificaram-se decréscimos nas expedições para o Reino Unido (-8,2%), Bélgica (-3,5%) e Alemanha (-0,5%).

Entre os países terceiros, de referir que Angola, detém um peso já superior ao dos EUA, tradicionalmente o principal mercado de destino entre os países terceiros (4,8% e 3,7%, respectivamente, das saídas globais nos primeiros seis meses do ano). As expedições para Angola registaram uma taxa de crescimento de 29,7% nos primeiros 12 meses do ano, ao mesmo tempo que os fornecimentos EUA caíram 22,4%.

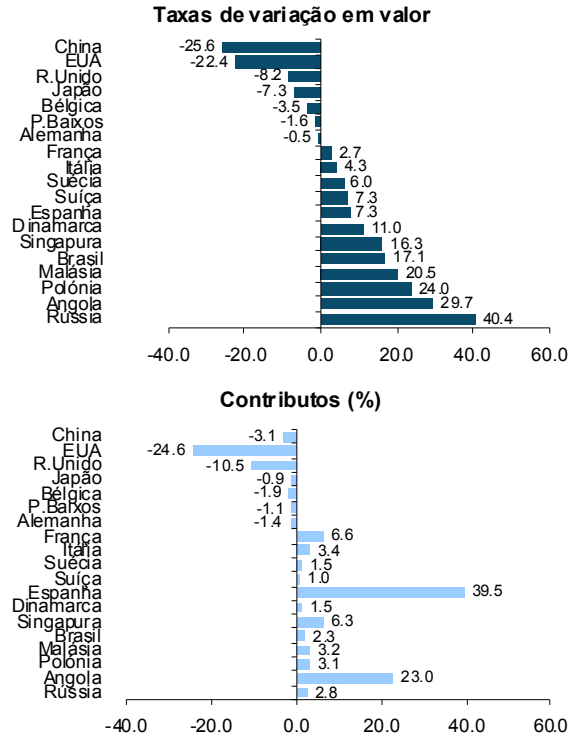
No mesmo período, ressalta ainda o forte incremento das exportações para a Rússia (+40,4%), e também para a Malásia (+20,5%), Brasil (+17,1%) e Singapura (+16,3%) (Figura 3.3).

As exportações para a China, que nos últimos cinco anos haviam aumentado à taxa média anual de 17,6%, registam nos últimos 12 meses uma descida (-25,6%).

Ponderando os pesos no total, os maiores contributos para o crescimento das saídas de mercadorias nos últimos 12 meses, em termos de mercados de destino, couberam à Espanha (39,5%) e Angola (23,0%). Os países do alargamento, no seu conjunto, contribuíram com 9,5%.

**Figura 3.3. Taxas de Crescimento das Saídas para uma Selecção de Mercados e Contributos**

Últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008



**Quadro 3.4. Evolução das Saídas de Mercadorias com Destino a uma Selecção de Mercados**

Destino	Intra + Extra-UE (Fob)		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos [2]							
	Jan-Jun		anual		Jan-Jun		média anual 02-07*	últimos 12 meses				Jan-Jun		
	2007	2008	2002	2007*	2007	2008		contributos		VH	contributos			
							p.p.	%			p.p.	%		
<b>TOTAL</b>	<b>19 096</b>	<b>19 879</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>6.1</b>	<b>5.1</b>	<b>5.1</b>	<b>100.0</b>	<b>4.1</b>	<b>4.1</b>	<b>100.0</b>	
<b>Intra UE-27</b>	<b>14 855</b>	<b>15 054</b>	<b>81.4</b>	<b>76.1</b>	<b>77.8</b>	<b>75.7</b>	<b>4.7</b>	<b>3.3</b>	<b>2.5</b>	<b>49.5</b>	<b>1.3</b>	<b>1.0</b>	<b>25.5</b>	
dos quais:														
<b>UE-15</b>	<b>14 424</b>	<b>14 519</b>	<b>79.8</b>	<b>73.8</b>	<b>75.5</b>	<b>73.0</b>	<b>4.4</b>	<b>2.7</b>	<b>2.0</b>	<b>40.1</b>	<b>0.7</b>	<b>0.5</b>	<b>12.1</b>	
Espanha	5 437	5 582	20.9	27.7	28.5	28.1	12.1	7.3	2.0	39.5	2.7	0.8	18.5	
Alemanha	2 566	2 561	17.7	13.2	13.4	12.9	0.0	-0.5	-0.1	-1.4	0.2	0.0	0.7	
França	2 500	2 434	13.5	12.6	13.1	12.2	4.5	2.7	0.3	6.6	-2.6	-0.3	-8.3	
R.U. Unido	1 169	1 106	10.4	6.0	6.1	5.6	-4.9	-8.2	-0.5	-10.5	-5.4	-0.3	-8.0	
Itália	796	786	4.6	4.1	4.2	4.0	3.9	4.3	0.2	3.4	-1.3	-0.1	-1.3	
P.Baixos	655	653	3.8	3.4	3.4	3.3	3.4	-1.6	-0.1	-1.1	-0.3	0.0	-0.3	
Bélgica	489	483	4.3	2.6	2.6	2.4	-4.3	-3.5	-0.1	-1.9	-1.2	0.0	-0.8	
Suécia	225	248	1.5	1.2	1.2	1.2	2.0	6.0	0.1	1.5	10.5	0.1	3.0	
Dinamarca	132	135	1.0	0.7	0.7	0.7	-0.2	11.0	0.1	1.5	2.1	0.0	0.3	
<b>Alargamento</b>	<b>431</b>	<b>535</b>	<b>1.5</b>	<b>2.4</b>	<b>2.3</b>	<b>2.7</b>	<b>15.6</b>	<b>21.6</b>	<b>0.5</b>	<b>9.5</b>	<b>24.2</b>	<b>0.5</b>	<b>13.3</b>	
Polónia	127	162	0.5	0.7	0.7	0.8	13.3	24.0	0.2	3.1	27.4	0.2	4.4	
<b>Extra UE-27</b>	<b>4 241</b>	<b>4 825</b>	<b>18.6</b>	<b>23.9</b>	<b>22.2</b>	<b>24.3</b>	<b>11.4</b>	<b>11.2</b>	<b>2.6</b>	<b>50.5</b>	<b>13.8</b>	<b>3.1</b>	<b>74.5</b>	
dos quais:														
EUA	939	737	5.7	4.9	4.9	3.7	2.6	-22.4	-1.3	-24.6	-21.6	-1.1	-25.9	
Angola	767	954	2.1	4.6	4.0	4.8	24.2	29.7	1.2	23.0	24.4	1.0	23.9	
Singapura	282	412	0.4	1.9	1.5	2.1	42.2	16.3	0.3	6.3	46.2	0.7	16.6	
Malásia	236	190	0.2	1.1	1.2	1.0	49.7	20.5	0.2	3.2	-19.7	-0.2	-5.9	
Japão	176	99	0.3	0.8	0.9	0.5	25.9	-7.3	0.0	-0.9	-43.8	-0.4	-9.8	
Suícia	135	152	1.1	0.7	0.7	0.8	-2.0	7.3	0.1	1.0	12.3	0.1	2.1	
Brasil	108	142	0.6	0.7	0.6	0.7	9.5	17.1	0.1	2.3	31.3	0.2	4.3	
Por memória:														
China	109	98	0.3	0.5	0.6	0.5	17.6	-25.6	-0.2	-3.1	-9.8	-0.1	-1.4	
Rússia	64	102	0.1	0.4	0.3	0.5	35.0	40.4	0.1	2.8	60.0	0.2	4.9	
PALOP	945	1 157	3.0	5.6	4.9	5.8	20.3	27.4	1.3	26.3	22.4	1.1	27.1	
EFTA	190	212	1.9	1.0	1.0	1.1	-6.2	3.6	0.0	0.7	11.7	0.1	2.8	

\* O ano de 2007 na estrutura anual e na média anual 2002-2007 não inclui estimativas abaixo do limiar de assimilação nem das não-respostas para ser comparável com 2002.

[1] (Jul 07-Jun 08) / (Jul 06-Jun 07) x 100 - 100.

[2] Contributos para a taxa de crescimento das saídas - análise shift-share: (VH) x (peso no período homólogo anterior) + 100.

Nota: Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2007.

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE; 2007 - versão implícita na terceira versão do ano; 2008 - versão preliminar.

## Entradas de Mercadorias

Nos últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008, as entradas de mercadorias registaram, face ao período homólogo anterior, uma taxa de crescimento de 10,2% (Quadro 3.5).

Ponderando os pesos no total das entradas, os maiores contributos para a sua taxa de crescimento incidiram nos grupos de produtos “Energéticos” (39,3%), “Material de Transporte” (20,9%), “Agro-alimentares” (13,2%), “Químicos” (8,0%) e “Máquinas” (6,9%).

Seguiram-se os grupos dos “Produtos Acabados Diversos” (4,0%), dos “Têxteis, Vestuário e Calçado” (2,8%), dos “Minérios e Metais” (2,4%), e das “Peles, Madeira, Cortiça e Papel” (2,4%).

A UE-27 foi a origem de 72,7% das entradas de mercadorias no período de Janeiro a Junho de 2008, cabendo 70,9% aos países da UE-15 e 1,8% aos doze países do alargamento.

Destacaram-se, pelo seu peso, as entradas provenientes de Espanha (30,0%), da Alemanha (12,0%) e de França (9,1%). As importações com origem nos países da OPEP, onde já se inclui Angola, representaram 9,1% do total.

**Quadro 3.5. Entradas de Mercadorias por Grupos de Produtos e sua Distribuição por uma Selecção de Mercados**

Grupos de Produtos	10 <sup>6</sup> Euros (Cif)		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos [2]						
			Anual		Jan-Jun		média anual 02-07**	últimos 12 meses			Jan-Jun		
	2007	2008	2002	2007**	2007	2008		VH [1]	contributos		VH	contributos	
							p.p.		%	p.p.		%	
<b>TOTAL DAS ENTRADAS</b>	<b>27 927</b>	<b>30 903</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>5.5</b>	<b>10.2</b>	<b>10.2</b>	<b>100.0</b>	<b>10.7</b>	<b>10.7</b>	<b>100.0</b>
<b>Grupos de Produtos</b>													
000-Agro-Alimentares	3 544	3 866	12.8	12.8	12.7	12.5	5.5	10.7	1.3	13.2	9.1	1.2	10.8
100-Energéticos	3 587	5 257	9.6	14.3	12.8	17.0	14.2	29.4	4.0	39.3	46.6	6.0	56.1
200-Químicos	3 906	4 086	13.8	13.7	14.0	13.2	5.3	6.0	0.8	8.0	4.6	0.6	6.0
300-Peles, Mad, Cortiça e Papel	1 339	1 351	5.7	4.7	4.8	4.4	1.7	5.2	0.2	2.4	0.9	0.0	0.4
400-Têxteis, Vestuário e Calçado	1 932	1 908	8.6	6.6	6.9	6.2	0.2	4.3	0.3	2.8	-1.3	-0.1	-0.8
500-Minérios e Metais	3 098	3 135	8.9	10.5	11.1	10.1	9.1	2.2	0.2	2.4	1.2	0.1	1.2
600-Máquinas [3]	5 496	5 606	21.0	19.7	19.7	18.1	4.2	3.5	0.7	6.9	2.0	0.4	3.7
700-Material de Transporte [4]	3 386	4 040	13.6	12.1	12.1	13.1	3.0	18.5	2.1	20.9	19.3	2.3	22.0
800-Prod. Acabados Diversos	1 640	1 654	6.1	5.5	5.9	5.4	3.6	7.1	0.4	4.0	0.9	0.1	0.5
<b>Total sem energéticos</b>	<b>24 341</b>	<b>25 645</b>	<b>90.4</b>	<b>85.7</b>	<b>87.2</b>	<b>83.0</b>	<b>4.4</b>	<b>7.2</b>	<b>6.2</b>	<b>60.7</b>	<b>5.4</b>	<b>4.7</b>	<b>43.9</b>
<b>Mercados de origem</b>													
<b>Intra UE-27</b>	<b>21 166</b>	<b>22 466</b>	<b>79.9</b>	<b>74.7</b>	<b>75.8</b>	<b>72.7</b>	<b>4.1</b>	<b>7.2</b>	<b>5.5</b>	<b>53.4</b>	<b>6.1</b>	<b>4.7</b>	<b>43.7</b>
dos quais:													
<b>UE-15</b>	<b>20 713</b>	<b>21 919</b>	<b>77.9</b>	<b>73.0</b>	<b>74.2</b>	<b>70.9</b>	<b>4.1</b>	<b>7.0</b>	<b>5.2</b>	<b>50.8</b>	<b>5.8</b>	<b>4.3</b>	<b>40.5</b>
Espanha	8 563	9 270	28.9	30.3	30.7	30.0	6.5	9.4	2.9	28.4	8.3	2.5	23.8
Alemanha	3 748	3 721	15.0	13.2	13.4	12.0	3.0	1.0	0.1	1.3	-0.7	-0.1	-0.9
França	2 439	2 800	10.2	8.6	8.7	9.1	1.9	13.9	1.2	11.6	14.8	1.3	12.1
Itália	1 604	1 662	6.7	5.4	5.7	5.4	0.9	5.2	0.3	2.8	3.6	0.2	1.9
P.Baixos	1 288	1 359	4.6	4.7	4.6	4.4	6.0	11.1	0.5	4.9	5.6	0.3	2.4
R.Unido	1 045	957	5.2	3.6	3.7	3.1	-2.2	-12.8	-0.5	-5.1	-8.5	-0.3	-3.0
Bélgica	811	811	3.1	2.9	2.9	2.6	4.3	6.6	0.2	1.8	0.1	0.0	0.0
Suécia	357	376	1.2	1.1	1.3	1.2	4.7	3.9	0.0	0.4	5.3	0.1	0.6
<b>Alargamento</b>	<b>454</b>	<b>547</b>	<b>2.0</b>	<b>1.7</b>	<b>1.6</b>	<b>1.8</b>	<b>2.6</b>	<b>16.6</b>	<b>0.3</b>	<b>2.7</b>	<b>20.5</b>	<b>0.3</b>	<b>3.1</b>
<b>Extra UE-27</b>	<b>6 761</b>	<b>8 437</b>	<b>20.1</b>	<b>25.3</b>	<b>24.2</b>	<b>27.3</b>	<b>10.4</b>	<b>19.8</b>	<b>4.8</b>	<b>46.6</b>	<b>24.8</b>	<b>6.0</b>	<b>56.3</b>
dos quais:													
Brasil	601	712	1.5	2.5	2.2	2.3	16.0	29.9	0.6	6.2	18.4	0.4	3.7
China	474	554	0.8	1.9	1.7	1.8	25.3	26.3	0.4	4.3	16.7	0.3	2.7
Nigéria	578	971	1.3	1.8	2.1	3.1	12.6	42.8	0.8	7.5	68.1	1.4	13.2
EU A	463	597	2.1	1.7	1.7	1.9	1.5	33.6	0.5	4.9	28.8	0.5	4.5
Líbia	342	526	0.1	1.4	1.2	1.7	67.8	55.1	0.6	6.2	54.1	0.7	6.2
Noruega	331	374	1.1	1.2	1.2	1.2	7.8	11.3	0.1	1.3	13.0	0.2	1.5
Argélia	210	306	0.5	1.0	0.8	1.0	24.0	27.8	0.3	2.6	45.5	0.3	3.2
Japão	302	265	1.7	1.0	1.1	0.9	-4.5	-5.3	-0.1	-0.5	-12.4	-0.1	-1.3
Rússia	213	258	0.8	1.0	0.8	0.8	9.3	26.3	0.2	2.3	21.0	0.2	1.5
OPEP[5]	1 909	2 799	4.0	7.0	6.8	9.1	17.7	26.8	1.8	18.1	46.6	3.2	29.9
EFTA	570	608	2.2	2.0	2.0	2.0	4.1	7.4	0.1	1.4	6.7	0.1	1.3
PALOP	175	281	0.3	0.7	0.6	0.9	27.5	104.2	0.5	4.7	60.5	0.4	3.6

\* Somatório das “Chegadas” de mercadorias provenientes da UE com as “Importações” de Países Terceiros.

\*\* O ano de 2007 aqui considerado não inclui estimativas abaixo do limiar de assimilação e das não-respostas para ser comparável com 2002.

[1] (Jul 07 - Jun 08) / (Jul 06 - Jun 07) x 100 - 100.

[2] Contributos p/ taxa de crescimento das entradas - análise shift-share: (VH) x (peso no período homólogo anterior) + 100.

[3] Não inclui tractores agrícolas.

[4] Inclui tractores agrícolas.

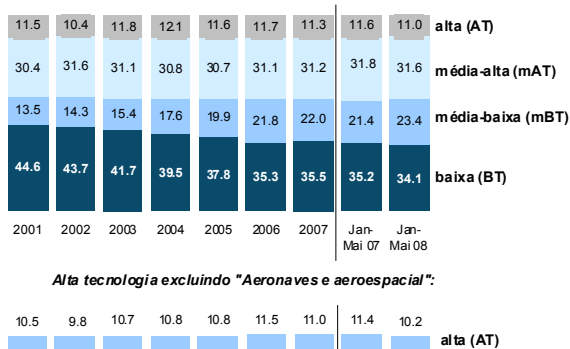
[5] Inclui Angola.

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE; 2007 - versão implícita na terceira versão do ano; 2008 - versão preliminar.

## Comércio Internacional Português por grau de Intensidade Tecnológica

De acordo com dados de base declarados do INE (não englobando portanto estimativas abaixo do limiar de assimilação nem das não-respostas no comércio intracomunitário), no período de Janeiro a Maio de 2008, face ao período homólogo do ano anterior, assistiu-se a um acréscimo do peso das saídas dos produtos de *média intensidade tecnológica* (média baixa + média alta), de 53,2% para 55,0% (Figura 3.4 e Quadro 3.6).

**Figura 3.4. Saídas de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**



Nota 1 - Não inclui estimativas abaixo do limiar de assimilação nem das não-respostas no comércio intracomunitário.

Nota 2: Os dados dos produtos de AT em 2004 e 2005 não são comparáveis porque a partir de 1 de Janeiro de 2005 as reparações e manutenção de aeronaves provenientes dos países comunitários passaram a ser contabilizadas na Balança de Serviços. O mesmo sucede em 2005 e 2006, por idêntico tratamento ter sido aplicado às aeronaves provenientes dos países terceiros a partir de 1 de Janeiro de 2006.

Fonte: GEE a partir de dados de base declarados do INE (2001 a 2005 - últimas versões; 2006 e 2007 - segundas versões; 2008 - versão preliminar).

O peso das saídas dos produtos de *Baixa Intensidade Tecnológica*, que se situava em 44,6% do total em 2001, desceu para 35,2% em 2007 e para 34,1% nos cinco primeiros meses de 2008.

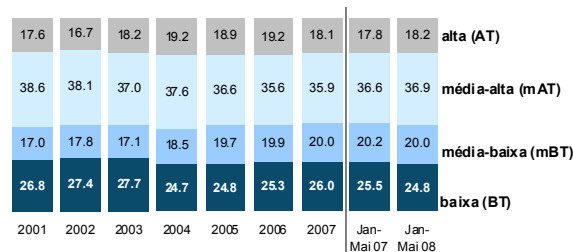
O peso dos produtos de *alta intensidade tecnológica* tem-se mantido, desde 2001, na faixa dos 10 a 12% do total.

Na Figura 3.5 encontram-se representadas as entradas dos produtos industriais transformados nos mesmos períodos. No período de Janeiro a Maio de 2008 verificou-se uma recuperação das importações portuguesas de alta e média alta tecnologia, que representaram no conjunto 55,1%, o que compara com 54,4% em Janeiro-Maio de 2007.

Para maior detalhe, consultar a publicação "Balança de Produtos Industriais Transformados por Grau de Intensidade Tecnológica" nº 8/2008 em:

[www.gee.min-economia.pt](http://www.gee.min-economia.pt)

**Figura 3.5. Entradas de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**



Nota: Não inclui estimativas abaixo do limiar de assimilação nem das não-respostas, no comércio intracomunitário.

Fonte: GEE, a partir de dados de base declarados do INE (2001 a 2005 - últimas versões; 2006 e 2007 - segundas versões; 2008 - versão preliminar).

**Quadro 3.6. Saídas e Entradas\* de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**

Intra + Extra-UE

Valores em 1000 Euros

Intensidade Tecnológica	2006	Janeiro a Maio		Taxas de variação em valor			% total prod. indust. transf.			Contributos <sup>[1]</sup> (p.p.)		
		2007	2008	média 2002-07	2007/06	Jan-Mai 2008/07	2006	2007	Jan-Mai 2007	2008	2007	Jan-Mai 2008
<b>SÁIDAS*</b>												
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>35 006 935</b>	<b>14 748 665</b>	<b>15 076 401</b>	<b>5.7</b>	<b>9.4</b>	<b>2.2</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>9.4</b>	<b>2.2</b>
Alta tecnologia	3 948 255	1 705 219	1 651 777	7.4	5.3	-3.1	11.7	11.3	11.6	11.0	0.6	-0.4
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	3 847 830	1 675 039	1 522 738	8.3	4.7	-9.1	11.5	11.0	11.4	10.2	0.5	-1.0
Média-alta tecnologia	10 922 147	4 694 331	4 766 057	5.4	9.6	1.5	31.1	31.2	31.8	31.6	3.0	0.5
Média-baixa tecnologia	7 694 592	3 160 950	3 521 317	15.1	10.1	11.4	21.8	22.0	21.4	23.4	2.2	2.4
Baixa tecnologia	12 441 941	5 188 165	5 137 249	1.4	10.1	-1.0	35.3	35.5	35.2	34.1	3.6	-0.3
<i>Por memória:</i>												
<b>Total das Saídas</b>	<b>36 756 660</b>	<b>15 522 808</b>	<b>15 899 428</b>	<b>6.1</b>	<b>9.3</b>	<b>2.4</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>9.3</b>	<b>2.4</b>
Residual	1 749 725	774 142	823 027	15.4	7.3	6.3	4.8	4.8	5.0	5.2	0.4	0.3
<b>ENTRADAS*</b>												
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>46 139 688</b>	<b>18 807 835</b>	<b>19 606 164</b>	<b>4.6</b>	<b>9.1</b>	<b>4.2</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>9.1</b>	<b>4.2</b>
Alta tecnologia	8 340 384	3 342 089	3 574 434	6.2	2.6	7.0	19.2	18.1	17.8	18.2	0.5	1.2
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	7 752 974	3 243 688	3 116 096	5.5	0.5	-3.9	18.4	17.0	17.3	16.3	0.1	-0.7
Média-alta tecnologia	16 583 826	6 881 823	7 236 126	3.3	10.3	5.1	35.6	35.9	36.6	36.9	3.7	1.9
Média-baixa tecnologia	9 221 370	3 791 452	3 923 533	7.0	9.6	3.5	19.9	20.0	20.2	20.0	1.9	0.7
Baixa tecnologia	11 994 107	4 792 470	4 872 072	3.5	12.0	1.7	25.3	26.0	25.5	24.8	3.0	0.4
<i>Por memória:</i>												
<b>Total das Entradas</b>	<b>55 501 416</b>	<b>22 660 813</b>	<b>24 625 572</b>	<b>5.5</b>	<b>8.1</b>	<b>8.7</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>8.1</b>	<b>8.7</b>
Residual	9 361 728	3 852 978	5 019 409	11.0	3.5	30.3	17.6	16.9	17.0	20.4	0.6	5.1

\* Saídas de mercadorias correspondentem ao somatório das Expedições, no comércio Intracomunitário, com as Exportações para Países Terceiros. Entradas correspondentem ao somatório das Chegadas, no comércio Intracomunitário, com as Importações, originárias de Países Terceiros.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das saídas de produtos industriais transformados, em pontos percentuais - análise shift share:  $(VH) \times (\text{peso no período homólogo anterior}) + 100$ .

[2] Os dados referentes aos produtos de AT em 2004 e 2005 não são exactamente comparáveis uma vez que a partir de 1 de Janeiro de 2005 as reparações e manutenção de aeronaves provenientes dos países comunitários passaram a ser contabilizadas na balança de Serviços. O mesmo sucede aos dados de 2005 e 2006, por o mesmo tratamento ter sido aplicado agora às aeronaves provenientes dos países terceiros, a partir de 1 de Janeiro de 2006.

Nota: Não inclui estimativa abaixo do limiar de assimilação nem estimativa das não-respostas, no comércio intracomunitário.

Fonte: GEE a partir de dados de base do INE declarados para Intra-UE (2001 a 2005 - últimas versões; 2006 - segunda versão; 2007 - terceira versão; 2008 - versão preliminar).

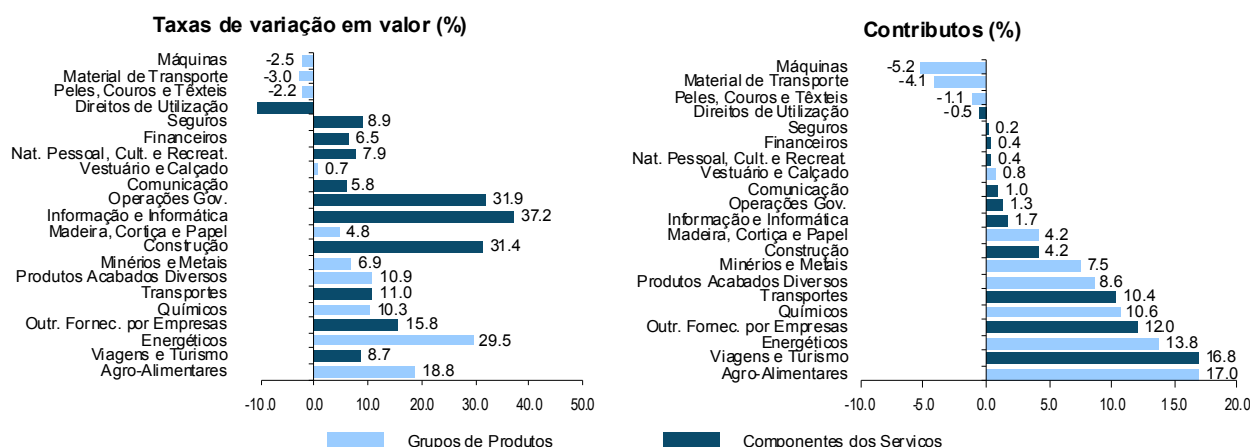
## Comércio Internacional de Bens e Serviços

De acordo com dados divulgados pelo Banco de Portugal para o período de Janeiro a Junho de 2008, o peso dos Serviços no total dos Bens e Serviços foi de 28,1% do lado das “exportações” (crédito), e de 14,7% na vertente das “importações” (débito). Nos últimos 12 meses a terminar em Junho, as “exportações” de Bens e Serviços aumentaram 7,0% em termos homólogos, sendo 52,0% desse crescimento explicado pelas “exportações” de Bens (Intra+ExtraUE) e os restantes 48,0% pelas “exportações” de Serviços (Quadro 3.7).

No painel esquerdo da Figura 3.6 compara-se o crescimento homólogo das diferentes categorias de Bens e de Serviços nos últimos 12 meses, com base em dados do INE para as “exportações” de Bens e do Banco de Portugal para as “exportações” de Serviços. O painel direito mede a proporção do crescimento das “exportações” atribuível a cada uma das categorias de serviços e grupos de produtos (7,0 p.p = 100). A figura revela que entre os 6 itens que mais contribuíram para o crescimento das “exportações”, 3 referem-se a Serviços.

**Figura 3.6. Taxas de Crescimento das "Exportações" de Bens e Serviços e Contributos das Componentes**

Últimos 12 meses a terminar em Junho de 2008



**Quadro 3.7. Comércio Internacional de Bens e Serviços (Componentes dos Serviços)**

Valores em milhões de euros

	Janeiro a Junho		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos						
			Anual		Jan-Jun		média anual 02-07	últimos 12 meses			Jan-Jun		
	2007	2008	2002	2007	2007	2008		VH	contributos [1]		VH	contributos [1]	
								p.p.	%		p.p.	%	
<b>CRÉDITO ("Exportações")</b>													
<b>Bens e Serviços</b>	<b>26 365</b>	<b>27 818</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>7.0</b>	<b>7.0</b>	<b>7.0</b>	<b>100.0</b>	<b>5.5</b>	<b>5.5</b>	<b>100.0</b>
<b>Bens</b>	<b>19 188</b>	<b>19 998</b>	<b>71.6</b>	<b>70.0</b>	<b>72.8</b>	<b>71.9</b>	<b>6.5</b>	<b>5.1</b>	<b>3.6</b>	<b>52.0</b>	<b>4.2</b>	<b>3.1</b>	<b>55.7</b>
<b>Serviços</b>	<b>7 176</b>	<b>7 820</b>	<b>28.4</b>	<b>30.0</b>	<b>27.2</b>	<b>28.1</b>	<b>8.2</b>	<b>11.5</b>	<b>3.4</b>	<b>48.0</b>	<b>9.0</b>	<b>2.4</b>	<b>44.3</b>
Transportes	1716	1878	5.0	6.7	6.5	6.8	13.4	11.0	0.7	10.4	9.5	0.6	11.2
Viagens e Turismo	3007	3184	15.9	13.7	11.4	11.4	3.9	8.7	1.2	16.8	5.9	0.7	12.2
Comunicação	314	337	0.7	1.1	1.2	1.2	18.4	5.8	0.1	1.0	7.4	0.1	1.6
Construção	277	318	0.6	1.1	1.0	1.1	22.3	31.4	0.3	4.2	14.8	0.2	2.8
Seguros	52	55	0.2	0.2	0.2	0.2	4.3	8.9	0.0	0.2	7.5	0.0	0.3
Financeiros	117	110	0.4	0.5	0.4	0.4	9.0	6.5	0.0	0.4	-6.0	0.0	-0.5
Informação e Informática	86	117	0.2	0.4	0.3	0.4	19.1	37.2	0.1	1.7	35.8	0.1	2.1
Direitos de Utilização	44	22	0.1	0.1	0.2	0.1	20.0	-24.9	0.0	-0.5	-50.3	-0.1	-1.5
Outr. Fornec. por Empresas	1409	1612	4.6	5.5	5.3	5.8	9.3	15.8	0.8	12.0	14.4	0.8	14.0
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat	90	106	0.3	0.4	0.3	0.4	10.9	7.9	0.0	0.4	18.0	0.1	1.1
Operações Governamentais	67	81	0.4	0.3	0.3	0.3	4.5	31.9	0.1	1.3	20.7	0.1	1.0
<b>DÉBITO ("Importações" Fob)</b>													
<b>Bens e Serviços</b>	<b>31 770</b>	<b>35 117</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>3.8</b>	<b>10.2</b>	<b>10.2</b>	<b>100.0</b>	<b>10.5</b>	<b>10.5</b>	<b>100.0</b>
<b>Bens</b>	<b>27 009</b>	<b>29 955</b>	<b>84.6</b>	<b>84.7</b>	<b>85.0</b>	<b>85.3</b>	<b>3.7</b>	<b>10.4</b>	<b>8.8</b>	<b>86.1</b>	<b>10.9</b>	<b>9.3</b>	<b>88.0</b>
<b>Serviços</b>	<b>4 761</b>	<b>5 162</b>	<b>15.4</b>	<b>15.3</b>	<b>15.0</b>	<b>14.7</b>	<b>4.2</b>	<b>9.3</b>	<b>1.4</b>	<b>13.9</b>	<b>8.4</b>	<b>1.3</b>	<b>12.0</b>
Transportes	1479	1495	4.6	4.7	4.7	4.3	4.1	4.7	0.2	2.2	1.0	0.0	0.5
Viagens e Turismo	1351	1432	4.6	4.4	4.3	4.1	2.4	7.9	0.3	3.4	6.0	0.3	2.4
Comunicação	208	211	0.5	0.6	0.7	0.6	13.6	0.3	0.0	0.0	1.1	0.0	0.1
Construção	53	94	0.2	0.2	0.2	0.3	4.2	28.2	0.1	0.6	76.8	0.1	1.2
Seguros	96	102	0.3	0.3	0.3	0.3	11.6	6.7	0.0	0.2	6.9	0.0	0.2
Financeiros	101	106	0.4	0.3	0.3	0.3	5.7	2.8	0.0	0.1	4.6	0.0	0.1
Informação e Informática	125	179	0.4	0.4	0.4	0.5	7.2	31.7	0.1	1.3	43.4	0.2	1.6
Direitos de Utilização	170	162	0.7	0.5	0.5	0.5	0.8	-1.1	0.0	-0.1	-4.6	0.0	-0.2
Outr. Fornec. por Empresas	892	1104	2.9	3.0	2.8	3.1	5.8	23.5	0.7	6.6	23.8	0.7	6.4
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat	185	193	0.5	0.6	0.6	0.6	4.9	2.3	0.0	0.1	4.2	0.0	0.2
Operações Governamentais	100	84	0.3	0.3	0.3	0.2	3.3	-12.9	0.0	-0.4	-16.7	-0.1	-0.5

[1] Contributos para a taxa de crescimento - Análise shift-share: (VH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100. Medem a proporção do crescimento das "importações" de bens e serviços atribuível a cada categoria específica.

Fonte: GEE, com base em dados do Banco de Portugal (Bal. Pagamentos) para o total dos Bens e para as categorias dos Serviços. A distribuição do contributo das exportações de Bens pelos grupos de produtos segue a estrutura implícita na base de dados do INE.



**Artigos**



## Em Análise

### Relacionamento económico com o México

Walter Anatole Marques<sup>1</sup>

Pretende-se neste trabalho analisar a evolução das trocas comerciais do México com o mundo e com Portugal, em termos de balança comercial e na óptica dos mercados e dos produtos transaccionados, bem como dos fluxos de investimento directo estrangeiro, no contexto do enquadramento económico do país.

#### 1 – Enquadramento económico do México

Após a adesão, em 1992, ao Acordo de Comércio Livre então existente entre os EUA e o Canadá (1988), a que se seguiu o actual Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que entrou em vigor em 1994, o México registou um significativo crescimento económico, tornando-se numa economia mais aberta. Em 2007, o México terá ocupado a 15ª posição entre os exportadores mundiais de mercadorias e a 14ª lugar entre os importadores<sup>2</sup>. No Quadro 1 resumem-se alguns indicadores sócio-económicos do México.

**Quadro 1 – Alguns indicadores sócio-económicos do México**

	Unidades	2000	2005	2006
<b>População</b>				
- Total	milhões	97,97	103,09	104,22
- Crescimento anual	%	1,4	1,0	1,1
- PNB per capita	US\$	5 110	7 300	7 830
<b>Economia</b>				
- PIB a preços correntes	10 <sup>9</sup> US\$	581,43	767,69	839,18
- PIB real (variação anual)	%	6,6	2,8	4,8
- Deflador do PIB (variação anual)	%	12,1	5,5	4,5
- VAB da agricultura	% do Pib	4	4	4
- VAB da indústria	% do Pib	28	26	27
- VAB dos serviços	% do Pib	68	70	69
- Exportação de bens e serviços	% do Pib	31	30	32
- Importação de bens e serviços	% do Pib	33	32	33
- FBCF	% do Pib	24	22	22
- IDE líquido	10 <sup>6</sup> US\$	17 942	19 881	19 222
- Dívida externa	10 <sup>6</sup> US\$	150 901	167 942	160 700

Fonte: Banco Mundial - World Development Indicators database, April 2008.

A quota do México nas exportações mundiais, que em 2000 atingira 2,47%, situou-se em 1,92% em 2007 (Quadro 2).

**Quadro 2 – Quota do México e de Portugal nas exportações mundiais (%)**

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
México	2.47	2.51	2.45	2.18	2.03	2.01	2.05	1.92
Portugal	0.38	0.42	0.41	0.45	0.42	0.36	0.34	0.33

Fonte: GEE, a partir de dados de base IMF - Direction of Trade Statistics, Ago 2008 (DOTS).

<sup>1</sup> Chefe de Equipa Multidisciplinar da Unidade Funcional de Estatísticas de Comércio Internacional.

<sup>2</sup> Secretariado da OMC/WTO – Excluindo o comércio intracomunitário (UE-27), as posições terão sido 10ª entre os exportadores e 8ª entre os importadores.

A Balança Comercial do México<sup>3</sup> com o Mundo tem sido tradicionalmente deficitária, com saldos negativos da ordem dos 30 mil milhões de dólares entre 2000 e 2006. Em 2007, no entanto, o México registou uma considerável redução do seu défice comercial (-13,8 mil milhões de US\$) (Quadro 3). Para tal, contribuíram as exportações de combustíveis, que beneficiaram com a actual conjuntura (Quadro 4).

**Quadro 3 – Balança Comercial do México**

	milhões de US\$							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Importações (Cif)	194 749	189 452	191 239	191 223	221 271	244 001	281 743	268 670
t.v.h.	-	-2.7	0.9	0.0	15.7	10.3	15.5	-4.6
Exportações (Fob)	166 199	158 899	161 235	164 892	187 812	214 233	249 997	254 904
t.v.h.	-	-4.4	1.5	2.3	13.9	14.1	16.7	2.0
Saldo (Fob-Cif)	-28 550	-30 553	-30 004	-26 331	-33 459	-29 768	-31 746	-13 766
t.v.h.	-	7.0	-1.8	-12.2	27.1	-11.0	6.6	-56.6
Cobertura /Fob/Cif)	85.3	83.9	84.3	86.2	84.9	87.8	88.7	94.9

Nota: inclui materiais e equipamentos importados para a indústria de montagem, livres de direitos aduaneiros, e re-exportados posteriormente, em princípio para o país de origem.

Fonte: GEE, a partir de dados de base IMF - Direction of Trade Statistics, Ago 2008 (DOTS).

**Quadro 4 – Exportações mexicanas de combustíveis**

Produtos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
<b>Total</b>	<b>16 050</b>	<b>12 630</b>	<b>14 306</b>	<b>18 523</b>	<b>23 282</b>	<b>31 886</b>	<b>38 640</b>	<b>42 694</b>
dos quais:								
2709 Petróleo bruto	14 878	11 591	13 109	16 832	21 258	28 329	34 707	37 805
2710 Produtos refinados	1 022	857	1 111	1 570	1 930	2 916	3 540	4 030

Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Statistics Division - Comtrade Database (extração em Agosto 2008).

**Quadro 5 – Principais países de origem das importações mexicanas**

	milhões de US\$								Estrutura (%)	
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2000	2007
<b>Total</b>	<b>194 749</b>	<b>189 452</b>	<b>191 239</b>	<b>191 223</b>	<b>221 271</b>	<b>244 001</b>	<b>281 743</b>	<b>268 670</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
EUA	140 288	125 143	117 212	115 897	121 909	130 402	143 421	150 195	72.0	55.9
Coreia SL	4 059	3 885	4 301	4 524	5 751	7 223	11 743	14 573	2.1	5.4
China	3 168	4 430	6 902	10 341	15 811	19 466	26 882	12 877	1.6	4.8
Japão	7 112	8 894	10 283	8 355	11 642	14 386	16 825	11 193	3.7	4.2
Alemanha	6 334	6 688	6 672	6 840	7 858	9 537	10 381	9 899	3.3	3.7
Brasil	1 983	2 311	2 822	3 594	4 775	5 736	6 114	7 587	1.0	2.8
Itália	2 034	2 310	2 388	2 721	3 099	3 848	4 519	5 190	1.0	1.9
Canadá	4 418	4 658	4 928	4 533	5 860	6 786	8 114	4 963	2.3	1.8
Espanha	1 573	2 010	2 446	2 517	3 138	3 657	4 002	4 611	0.8	1.7
França	1 613	1 735	1 987	2 217	2 635	2 821	2 928	2 812	0.8	1.0
Chile	983	1 072	1 111	1 190	1 610	1 930	2 717	2 605	0.5	1.0
Argentina	272	486	756	954	1 219	1 433	1 978	2 455	0.1	0.9
									Total (%):	89.3 85.2
Por memória:										
União Europeia	16 432	18 072	18 343	19 780	22 672	27 701	31 127	31 506	8.4	11.7
Portugal	57	111	104	139	275	336	379	182	0.0	0.1

Nota: inclui materiais e equipamentos importados para a indústria de montagem, livres de direitos aduaneiros, e re-exportados posteriormente, em princípio para o país de origem.

Fonte: GEE, a partir de dados de base IMF - Direction of Trade Statistics, Ago 2008 (DOTS).

O principal mercado de origem das **importações** mexicanas é o dos EUA, com 72,0% do total em 2000 e 55,9% em 2007. Seguem-se, por ordem decrescente de valor em 2007, a Coreia do Sul (2,1% do total em 2000 e 5,4%

<sup>3</sup> Incluindo materiais e equipamentos importados para a indústria de montagem, livres de direitos aduaneiros, e re-exportados posteriormente, em princípio para o país de origem.

em 2007), a China (1,6% e 4,8%), o Japão (3,7% e 4,2%) e a Alemanha (3,3% e 3,7%). O conjunto dos países da União Europeia, que em 2000 pesava 8,4% no total, representou 11,7% em 2007. Os principais fornecedores comunitários, para além da Alemanha, foram a Itália, a Espanha e a França. Portugal foi a origem de apenas 0,1% das importações mexicanas em 2007 (Quadro 5).

Em quadro anexo, encontram-se identificados os cinco principais mercados de origem das importações mexicanas em 2005 e 2006, por produtos definidos a dois dígitos do Sistema Harmonizado, e a respectiva posição de Portugal (Anexo 1).

O principal mercado de destino das **exportações** mexicanas é também o dos EUA, com quotas de 88,7% em 2000 e de 76,2% em 2007. Segue-se o Canadá (2,0% e 6,3% respectivamente), a Alemanha (0,9% e 1,7%), a Espanha (0,9% e 1,4%), a China (0,1% e 1,2%), o Japão (0,6% e 1,1%), a Colômbia (0,3% e 1,0%), a Venezuela (0,3% e 0,9%), o Reino Unido (0,5% e 0,7%), e o Brasil (0,3% e 0,6%). O conjunto dos países da União Europeia foi o destino de 3,4% das exportações mexicanas em 2000, e de 5,8% em 2007. Portugal manteve nos dois anos uma quota de 0,1% (Quadro 6).

**Quadro 6 – Principais mercados de destino das exportações mexicanas**

	milhões de US\$								Estrutura (%)	
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2000	2007
<b>Total</b>	<b>166 199</b>	<b>158 899</b>	<b>161 235</b>	<b>164 892</b>	<b>187 812</b>	<b>214 233</b>	<b>249 997</b>	<b>253 879</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
EUA	147 400	140 564	141 898	144 293	164 522	183 563	211 871	193 536	88.7	76.2
Canadá	3 340	3 083	2 991	3 042	3 292	4 234	5 176	15 962	2.0	6.3
Alemanha	1 544	1 504	1 159	1 715	1 689	2 289	2 973	4 267	0.9	1.7
Espanha	1 503	1 271	1 394	1 512	2 027	2 954	3 270	3 440	0.9	1.4
China	204	282	654	974	986	1 136	1 688	2 963	0.1	1.2
Japão	931	621	1 194	1 173	1 191	1 470	1 594	2 881	0.6	1.1
Colômbia	462	506	658	662	789	1 548	2 132	2 646	0.3	1.0
Venezuela	519	697	666	421	828	1 289	1 783	2 169	0.3	0.9
Reino Unido	870	673	664	734	840	1 188	925	1 883	0.5	0.7
Brasil	517	585	658	621	863	890	1 147	1 424	0.3	0.6
									Total (%):	94.6 91.1
Por memória:										
União Europeia	5 710	5 389	5 613	6 190	6 416	9 088	10 919	14 816	3.4	5.8
Portugal	194	149	141	187	154	270	282	284	0.1	0.1

Nota: inclui materiais e equipamentos importados para a indústria de montagem, livres de direitos aduaneiros, e re-exportados posteriormente, em princípio para o país de origem.

Fonte: GEE, a partir de dados de base IMF - Direction of Trade Statistics, Ago 2008 (DOTS).

De acordo com dados disponibilizados pelas Nações Unidas, as **importações** mexicanas em 2006 cresceram 15,4% em relação ao ano anterior. Cerca de 38% incidiram em máquinas e aparelhos, quer eléctricos quer mecânicos, principalmente: circuitos integrados e micro conjuntos electrónicos; emissores, rádios, TVs e suas partes; máquinas automáticas para processamento de dados e suas partes; interruptores, seccionadores, aparelhos eléctricos de protecção e suas partes; fios e cabos eléctricos; bombas de ar ou vácuo, compressores ventiladores e exaustores; transformadores e bobinas eléctricas; circuitos impressos; telefones e aparelhos de telecomunicação; motores de explosão ou diesel e suas partes (Quadro 7).

Seguiram-se os veículos automóveis (9,8% em 2007), maioritariamente de passageiros e respectivas partes e acessórios, os plásticos e suas obras (6,2%), os combustíveis, designadamente refinados do petróleo e hidrocarbonetos gasosos (5,7%), o ferro, aço e suas obras (5,1%), os aparelhos de precisão (3,9%), e os produtos químicos orgânicos (2,4%).

Por sua vez, as principais **exportações** incidiram também em máquinas (24,7% em 2007), seguidas dos veículos terrestres (15,8%), combustíveis, essencialmente petróleo bruto (15,5%), e máquinas e aparelhos mecânicos (13,1%) (Quadro 8).

## Quadro 7 – Principais importações do México por produtos

(2005-2006)

SH-2/4	Descritivo dos produtos	milhões de US\$		T.V.H.	% do SH-2		% do Total	
		2005	2006		05	06	05	06
	<b>Total</b>	<b>221 819</b>	<b>256 086</b>	<b>15.4</b>	-	-	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
<b>85</b>	Máquinas e aparelh electr; grav/reprod imagem e som; suas partes	<b>48 218</b>	<b>56 522</b>	<b>17.2</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>21.7</b>	<b>22.1</b>
8542	Circuitos integrados e microconjuntos electrónicos	8 963	9 526	6.3	18.6	16.9	4.0	3.7
8529	Partes de emissores/radares/receptores rádio/TV	5 906	9 008	52.5	12.2	15.9	2.7	3.5
8536	Interrupt/seccionadores/aparelh protecção/ligação electr, até 1 KV	4 270	4 456	4.4	8.9	7.9	1.9	1.7
8525	Emissores rádio/telegrafia/TV c/s/ receptor/gravador; câmaras TV	2 707	4 241	56.6	5.6	7.5	1.2	1.7
8544	Fios/cabos/fibra óptica/conduz electr, isolados, c/s/peças conexão	3 166	3 687	16.5	6.6	6.5	1.4	1.4
8504	Transformadores/covertores electr, bobinas reactância/auto-indução	1 983	2 295	15.7	4.1	4.1	0.9	0.9
8534	Circuitos impressos	1 829	2 028	10.9	3.8	3.6	0.8	0.8
8517	Aparelh electr telefonia/telegrafia/telecomunicação, por fios	1 417	1 935	36.6	2.9	3.4	0.6	0.8
8538	Partes de interrupt/seccionadores/aparelh protecção/ligação electr	1 618	1 903	17.6	3.4	3.4	0.7	0.7
8541	Díodos, transistores e outros dispositivos c/semicondutores	1 509	1 744	15.6	3.1	3.1	0.7	0.7
<b>84</b>	Reactores, caldeiras, máquinas e aparelh mecânicos, e suas partes	<b>35 985</b>	<b>39 854</b>	<b>10.8</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>16.2</b>	<b>15.6</b>
8471	Máq automáticas p/processamento dados e suas unidades	6 261	6 513	4.0	17.4	16.3	2.8	2.5
8473	Partes/acessórios máq escrever/calcular/process dados/escritório	4 778	4 785	0.2	13.3	12.0	2.2	1.9
8414	Bombas ar/vácuo, compressores ar/gases, ventilad/exaustores	1 694	1 883	11.1	4.7	4.7	0.8	0.7
8409	Partes de motores de explosão ou diesel	1 717	1 808	5.3	4.8	4.5	0.8	0.7
8481	Torneiras e válvulas	1 466	1 757	19.9	4.1	4.4	0.7	0.7
8408	Motores diesel	2 036	1 749	-14.1	5.7	4.4	0.9	0.7
8479	Aparelhos mecânicos c/função própria n.e. nem incl noutras p.p.	1 666	1 745	4.7	4.6	4.4	0.8	0.7
8407	Motores de explosão	975	1 500	53.9	2.7	3.8	0.4	0.6
<b>87</b>	Veic automóveis, tractores, ciclos, outr veic terrest; suas partes	<b>22 044</b>	<b>25 046</b>	<b>13.6</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>9.9</b>	<b>9.8</b>
8708	Partes e acessórios de tractores e veículos automóveis	10 612	11 747	10.7	48.1	46.9	4.8	4.6
8703	Automóveis de passageiros e mistos; automóveis de corrida	7 840	9 265	18.2	35.6	37.0	3.5	3.6
8704	Veículos automóveis para transporte de mercadorias	2 341	2 667	13.9	10.6	10.6	1.1	1.0
<b>39</b>	Plástico e suas obras	<b>14 349</b>	<b>15 943</b>	<b>11.1</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>6.5</b>	<b>6.2</b>
3926	Outras obras de plástico (etileno/propileno/PVC/resinas/etc)	3 154	3 423	8.5	22.0	21.5	1.4	1.3
3923	Embalagens/rolhas/cápsulas/tampas, de plástico	2 323	2 442	5.1	16.2	15.3	1.0	1.0
3901	Polímeros de etileno em formas primárias	1 432	1 698	18.5	10.0	10.6	0.6	0.7
<b>27</b>	Combustíveis, óleos e ceras minerais; destilados; mat betuminosas	<b>12 169</b>	<b>14 476</b>	<b>19.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>5.5</b>	<b>5.7</b>
2710	Óleos de petróleo (nafta/white spirit/gasolina/jet/gasóleo/fuel/lubrif)	7 257	9 453	30.3	59.6	65.3	3.3	3.7
2711	Gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos	3 783	3 809	0.7	31.1	26.3	1.7	1.5
<b>90</b>	Aparelh óptica/fotog/cinema/medida/precisão/médicos/outros; partes	<b>7 004</b>	<b>9 918</b>	<b>41.6</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>3.2</b>	<b>3.9</b>
<b>72</b>	Ferro fundido, ferro e aço	<b>5 616</b>	<b>6 971</b>	<b>24.1</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>2.5</b>	<b>2.7</b>
<b>73</b>	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	<b>5 506</b>	<b>6 255</b>	<b>13.6</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>2.5</b>	<b>2.4</b>
<b>29</b>	Produtos químicos orgânicos	<b>5 567</b>	<b>6 078</b>	<b>9.2</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>2.5</b>	<b>2.4</b>

amostra SH-2 70.5 70.7

Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Statistics Division - Comtrade Database (extracção em Agosto 2008).

## Quadro 8 – Principais exportações do México por produtos

(2005-2006)

SH-2	Descritivo	milhões de US\$		T.V.H.	% do Total	
		2005	2006		05	06
	<b>Total das exportações</b>	<b>214 207</b>	<b>249 961</b>	<b>16.7</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
85	Máquinas e aparelh electr; grav/reprod imagem e som; suas partes	52 096	61 687	18.4	24.3	24.7
87	Veic automóveis, tractores, ciclos, outr veic terrest; suas partes	32 092	39 495	23.1	15.0	15.8
27	Combustíveis, óleos e ceras minerais; destilados; mat betuminosas	31 886	38 640	21.2	14.9	15.5
84	Reactores, caldeiras, máquinas e aparelh mecânicos, e suas partes	28 977	32 654	12.7	13.5	13.1
90	Aparelh óptica/fotog/cinema/medida/precisão/médicos/outros; partes	7 709	8 661	12.4	3.6	3.5
94	Mobiliário/colchões/semelh; aparelh iluminação; const pré-fabricadas	5 725	5 890	2.9	2.7	2.4
39	Plástico e suas obras	4 580	4 986	8.9	2.1	2.0
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	3 214	3 833	19.2	1.5	1.5
62	Vestuário excepto malha e seus acessórios	4 575	3 764	-17.7	2.1	1.5
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis	3 122	3 479	11.4	1.5	1.4
72	Ferro fundido, ferro e aço	2 837	3 044	7.3	1.3	1.2
71	Pérolas; pedras preciosas/metals prec e obras; bijutaria; moedas	1 703	3 027	77.7	0.8	1.2
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	2 441	2 851	16.8	1.1	1.1
61	Vestuário de malha e seus acessórios	2 589	2 429	-6.2	1.2	1.0
83	Obras diversas de metais comuns	1 890	2 113	11.8	0.9	0.8
74	Cobre e suas obras	1 185	2 007	69.4	0.6	0.8
29	Produtos químicos orgânicos	1 567	1 616	3.2	0.7	0.6
08	Frutas e cascas de citrinos e melões	1 474	1 600	8.5	0.7	0.6

amostra SH-2 88.5 88.7

Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Statistics Division - Comtrade Database (extracção em Agosto 2008).

No Quadro 9 pode observar-se a evolução do Investimento Directo Estrangeiro do exterior no México e do México no exterior.

### Quadro 9 – Investimento Directo Estrangeiro

Do exterior no México					
	1990-2000	2003	2004	2005	2006
10 <sup>6</sup> US\$	9 328	15 340	22 396	19 736	19 037
% da FBCF	12,1	<i>n.d.</i>	16,7	13,3	11,1
Do México no exterior					
	1990-2000	2003	2004	2005	2006
10 <sup>6</sup> US\$	591	1 253	4 432	6 474	5 758
% da FBCF	0,7	<i>n.d.</i>	3,3	4,4	3,4
"Stocks"					
	1980	1990	2000	2005	2006
10 <sup>6</sup> US\$	..	22 424	97 170	209 564	228 601

Fonte: World Investment Report 2007 - UNCTAD

## 2 – Comércio bilateral de Portugal com o México

Os fluxos comerciais entre Portugal e o México, olhados através de estatísticas mexicanas ou de estatísticas portuguesas, em particular as que se referem às exportações, diferem significativamente. De facto os valores da exportação portuguesa nos últimos anos, segundo dados mexicanos, são duas a três vezes superiores aos contabilizados pelo INE.

As chamadas “*mirror statistics*” encerram sempre diferenças, que têm a ver com factores como confidencialidade, exportações indirectas, comércio triangular, diferentes critérios na classificação das mercadorias, definição do valor da mercadoria Cif ou Fob a partir do valor de factura, desfasamento no tempo, versões dos dados consideradas, entre outros.

Há informação de que as exportações portuguesas para o México partirão principalmente de portos do Norte de Espanha. Assim sendo, é possível que parte das exportações estejam a ser contabilizadas pelos operadores das empresas portuguesas, em termos estatísticos, como expedições para Espanha (comércio Intracomunitário), partindo depois dali para o México, ao mesmo tempo que no México são registadas como importações com origem portuguesa.

Por este motivo, na análise que se segue vão ser comparadas as duas versões dos dados, sendo certo que os valores apresentados de fonte mexicana são aproximados, já que foi utilizada neste exercício a taxa de câmbio média anual para a conversão de US\$ a Euros e um factor fixo para a conversão de valores Cif-Fob.

A **Balança Comercial** de Portugal com o México, de acordo com os dados nacionais, é deficitária, tendo ocorrido o défice mais significativo em 2005, com cerca de 170 milhões de Euros. Nos dois anos seguintes houve uma redução sucessiva do défice, que se situou em 105,4 milhões de Euros em 2007.

Já na óptica dos dados mexicanos, a balança, que foi deficitária entre 2000 e 2003, ter-se-á tornado favorável a Portugal de 2004 a 2006 (últimos dados disponíveis) (Quadro 10).

### Quadro 10 – Balança comercial de Portugal com o México (*mirror statistics*)

A partir de estatísticas do INE:

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	milhares de Euros	
									Jan-Jul	
									2007	2008
Importações (Cif)	195 736	143 767	171 988	128 624	158 466	256 206	261 236	225 481	104 153	89 725
t.v.h.	-	-26.6	19.6	-25.2	23.2	61.7	2.0	-13.7	-	-13.9
Exportações (Fob)	43 586	67 165	72 512	58 482	71 072	86 252	139 320	120 078	69 613	143 218
t.v.h.	-	54.1	8.0	-19.3	21.5	21.4	61.5	-13.8	-	105.7
Saldo (Fob-Cif)	-152 150	-76 602	-99 476	-70 142	-87 394	-169 954	-121 915	-105 403	-34 540	53 493
t.v.h.	-	-49.7	29.9	-29.5	24.6	94.5	-28.3	-13.5	-	-
Cobertura /Fob/Cif)	22.3	46.7	42.2	45.5	44.9	33.7	53.3	53.3	66.8	159.6

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE: 2000 a 2005 - últimas versões; 2006 - 2ª versão; 2007 - 3ª versão; 2008 - versão preliminar.

A partir de estatísticas mexicanas (UN Comtrade Database):

	milhares de Euros								
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	
Importações (Cif)	212 573	129 482	156 188	173 023	129 293	227 306	235 312	n.d.	
t.v.h.	-	-39.1	20.6	10.8	-25.3	75.8	3.5	n.d.	
Exportações (Fob)	53 036	107 065	94 859	106 453	191 531	234 029	261 575	n.d.	
t.v.h.	-	101.9	-11.4	12.2	79.9	22.2	11.8	n.d.	
Saldo (Fob-Cif)	-159 538	-22 417	-61 328	-66 570	62 239	6 723	26 264	n.d.	
t.v.h.	-	-85.9	173.6	8.5	-193.5	-89.2	290.7	n.d.	
Cobertura /Fob/Cif)	24.9	82.7	60.7	61.5	148.1	103.0	111.2	n.d.	

Nota: Conversão de US\$ a Euros à taxa média anual; conversão Cif-Fob através de factor fixo.  
Fonte: GEE, a partir de dados UN Comtrade Database (extração em Agosto de 2008).

As **exportações** portuguesas para o México, segundo dados do INE, após terem aumentado em valor 61,5% em 2006, face ao ano anterior, registaram uma quebra de 13,8% em 2007, essencialmente devido ao facto de neste ano não se terem exportado produtos “Energéticos” (gasolinas). Verificaram-se também quebras nas exportações de “Vestuário e calçado”, de “Produtos acabados diversos”, de “Minérios e metais” e de “Material de transporte”, não suficientemente compensadas pelo aumento das exportações dos restantes grupos de produtos (Quadro 11).

### Quadro 11 – Exportações portuguesas com destino ao México, por Grupos de Produtos (2000, 2005 a 2007)

Grupos e Subgrupos de Produtos	1000 Euros				TVH		Peso no Total (%)		
	2000	2005	2006	2007	06/05	07/06	2000	2006	2007
<b>Total das exportações</b>	<b>43 586</b>	<b>86 252</b>	<b>139 320</b>	<b>120 078</b>	<b>61.5</b>	<b>-13.8</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
Grp 2 Químicos	2 912	33 956	35 625	47 672	4.9	33.8	6.7	25.6	39.7
Grp 7 Máquinas	18 114	21 120	25 918	26 167	22.7	1.0	41.6	18.6	21.8
Grp 4 Peles, couros e têxteis	4 300	8 876	14 490	16 678	63.2	15.1	9.9	10.4	13.9
Grp 3 Madeira, cortiça e papel	4 631	6 885	10 964	13 804	59.2	25.9	10.6	7.9	11.5
Grp 9 Produtos acabados diversos	1 708	3 130	5 335	3 847	70.5	-27.9	3.9	3.8	3.2
Grp 5 Vestuário e calçado	1 813	4 089	5 446	3 645	33.2	-33.1	4.2	3.9	3.0
Grp 8 Material de transporte	2 548	4 273	2 971	2 837	-30.5	-4.5	5.8	2.1	2.4
Grp 6 Minérios e metais	909	1 756	3 167	2 768	80.4	-12.6	2.1	2.3	2.3
Grp 0 Agro-alimentares	2 235	2 169	1 977	2 660	-8.9	34.6	5.1	1.4	2.2
Grp 1 Energéticos	4 418	0	33 426	0		-100.0	10.1	24.0	0.0

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE; 2000 a 2005 - últimas versões; 2006 - 2ª versão; 2007 - 3ª versão.

Dados preliminares disponíveis para os sete primeiros meses do ano apontam para um forte crescimento das exportações, que terão mais do que duplicado face ao mesmo período do ano anterior (Quadro 10).

No Quadro 12 colocaram-se a par as principais exportações portuguesas para o México em 2005 e 2006, definidas a dois dígitos do Sistema Harmonizado, na óptica das estatísticas mexicanas e portuguesas. Será de

admitir a hipótese de uma parte considerável das máquinas e do vestuário portugueses destinados ao México, sendo embarcada em portos do Norte de Espanha, estarem a ser contabilizadas nas estatísticas portuguesas como comércio intracomunitário.

**Quadro 12 - Exportações portuguesas com destino ao México por produtos SH-2 na óptica das estatísticas mexicanas e portuguesas (2005 e 2006)**

SH-2		Descritivo da NC-2	2005		2006		Dif. (INE-Comtrade)	
			Comtrd	INE	Comtrd	INE	2005	2006
<b>Total das exportações (Fob)</b>			<b>234 029</b>	<b>86 252</b>	<b>261 575</b>	<b>139 320</b>	<b>-147 777</b>	<b>-122 255</b>
84	Reactores, caldeiras, máquinas e aparelho mecânicos, e suas partes		73 564	13 153	67 132	15 520	-60 412	-51 612
85	Máquinas e aparelho eléctric; grav/reprod imagem e som; suas partes		45 897	7 967	43 237	10 398	-37 930	-32 840
29	Produtos químicos orgânicos		29 406	27 994	32 474	28 937	-1 412	-3 537
61	Vestuário de malha e seus acessórios		23 459	2 018	26 635	2 365	-21 441	-24 270
62	Vestuário excepto malha e seus acessórios		13 143	1 684	15 520	2 280	-11 459	-13 241
27	Combustíveis, óleos e ceras minerais; destilados; mat betuminosas		3 320		15 300	33 426	-3 320	18 126
45	Cortiça e suas obras		6 132	4 913	8 785	7 779	-1 218	-1 006
63	Outras confecções têxteis; calçado/chapéus/semelh, usados; trapos		3 903	3 205	6 893	5 803	-698	-1 090
55	Fibras têxteis sintéticas ou artificiais, descontínuas		1 252	1 774	5 515	4 802	522	-713
87	Veic automóveis, tractores, ciclos, outr veic terrest; suas partes		3 787	4 265	5 280	2 893	478	-2 388
39	Plástico e suas obras		2 367	1 982	3 790	3 027	-384	-763
40	Borracha e suas obras		3 281	2 960	3 290	2 843	-321	-447
64	Calçado, polainas e semelhantes, e suas partes		2 244	87	2 709	461	-2 158	-2 248
69	Produtos cerâmicos		2 269	1 791	2 686	2 231	-478	-456
48	Papel, cartão, e suas obras; obras de pasta de celulose		1 491	1 290	2 434	1 748	-201	-686
82	Ferramentas, artef cutelaria, talheres, suas partes, em metal comum		1 420	554	2 139	646	-865	-1 493
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço		1 015	272	1 566	226	-743	-1 340
83	Obras diversas de metais comuns		1 292	786	1 459	1 284	-506	-176
44	Madeira e suas obras; carvão vegetal		919	679	1 384	1 429	-240	45
54	Filamentos têxteis, lâminas e semelhantes, sintéticos ou artificiais		1 157	1 023	1 238	1 340	-134	103
99	Enc postais, provisões de bordo, comércio conf e outr mercad n.e.		481		1 178	11	-481	-1 167
52	Algodão		981	1 239	1 160	1 371	258	212
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres		1 151	1 159	1 131	1 374	7	243
90	Aparelh óptica/fotog/cinema/medida/precisão/médicos/outros; partes		730	51	1 083	617	-679	-467
32	Extractos tanantes, taninos, pigmentos, corantes, tintas e vernizes		1 292	158	996	52	-1 134	-944
% do Total			96.6	93.9	97.5	95.4		

Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Comtrade Database (extração em Agosto de 2008) e de dados de base do INE: 2005 - última versão; 2006 - 2ª versão.

Nota: Conversão de US\$ a Euros à taxa média anual; conversão Cif-Fob através de factor fixo..

As **importações** provenientes do México, segundo dados de base do INE, registaram em 2007 uma quebra idêntica à verificada do lado das exportações (-13,7%). Contribuiu para este comportamento uma descida significativa das aquisições do grupo “Energéticos”, e também dos grupos “Máquinas” e “Agro-alimentares”, não suficientemente compensadas pelo forte acréscimo verificado nas importações do grupo “Minérios e metais” (Quadro 13).

**Quadro 13 – Importações portuguesas com origem no México, por Grupos de Produtos (2000, 2005 a 2007)**

Grupos e Subgrupos de Produtos	1000 Euros				TVH		Peso no Total (%)		
	2000	2005	2006	2007	06/05	07/06	2000	2006	2007
<b>Total das importações</b>	<b>195 736</b>	<b>256 206</b>	<b>261 236</b>	<b>225 481</b>	<b>2.0</b>	<b>-13.7</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
Grp 1 Energéticos	163 411	224 282	200 857	167 666	-10.4	-16.5	83.5	76.9	<b>74.4</b>
Grp 2 Químicos	4 932	7 205	18 052	18 663	150.5	3.4	2.5	6.9	<b>8.3</b>
Grp 5 Minérios e metais	5 931	1 149	333	14 473	-71.0	4248.5	3.0	0.1	<b>6.4</b>
Grp 8 Produtos acabados diversos	2 914	7 739	10 635	11 397	37.4	7.2	1.5	4.1	<b>5.1</b>
Grp 6 Máquinas	8 784	7 946	21 256	7 231	167.5	-66.0	4.5	8.1	<b>3.2</b>
Grp 0 Agro-alimentares	7 201	6 457	8 768	3 358	35.8	-61.7	3.7	3.4	<b>1.5</b>
Grp 7 Material de transporte	213	80	748	1 362	830.6	82.2	0.1	0.3	<b>0.6</b>
Grp 4 Têxteis, vestuário e calçado	1 957	1 197	485	887	-59.5	83.0	1.0	0.2	<b>0.4</b>
Grp 3 Peles, madeira, cort. e papel	392	150	103	444	-31.2	331.2	0.2	0.0	<b>0.2</b>

Fonte: GEE, a partir de dados de base do INE; 2000 a 2005 - últimas versões; 2006 - 2ª versão; 2007 - 3ª versão.

No Quadro 14 podem-se comparar os valores de importação em Portugal de mercadorias originárias do México, segundo fontes mexicana e portuguesa. Como se pode observar no quadro, os desfazamentos são de muito menor amplitude do que os verificados na vertente da exportação.

**Quadro 14 - Importações portuguesas com origem no México por produtos SH-2 na óptica das estatísticas mexicanas e portuguesas (2005 e 2006)**

SH-2	Descritivo da NC-2	2005		2006		1000 Euros	
		Comtrd	INE	Comtrd	INE	Dif. (INE-Comtrade)	
	<b>Total das importações (Cif)</b>	<b>227 306</b>	<b>256 206</b>	<b>235 312</b>	<b>261 236</b>	<b>28 900</b>	<b>25 924</b>
27	Combustíveis, óleos e ceras minerais; destilados; mat betuminosas	208 649	224 282	197 326	200 857	15 633	3 531
39	Plástico e suas obras	3 706	3 499	10 481	8 629	-207	-1 852
85	Máquinas e aparelh electr; grav/reprod imagem e som; suas partes	302	3 199	4 646	10 781	2 897	6 135
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis	2 416	3 328	4 126	5 027	912	900
72	Ferro fundido, ferro e aço		727	4 047	4	727	-4 043
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	3 659	2 895	3 822	3 545	-764	-278
90	Aparelh óptica/fotog/cinema/medida/precisão/médicos/outros; partes	1 820	7 302	2 555	10 042	5 482	7 487
29	Produtos químicos orgânicos	2 090	2 962	2 120	7 795	872	5 675
84	Reactores, caldeiras, máquinas e aparelh mecânicos, e suas partes	1 151	4 748	1 849	10 475	3 596	8 625
	% do Total	98.5	98.7	98.2	98.4		

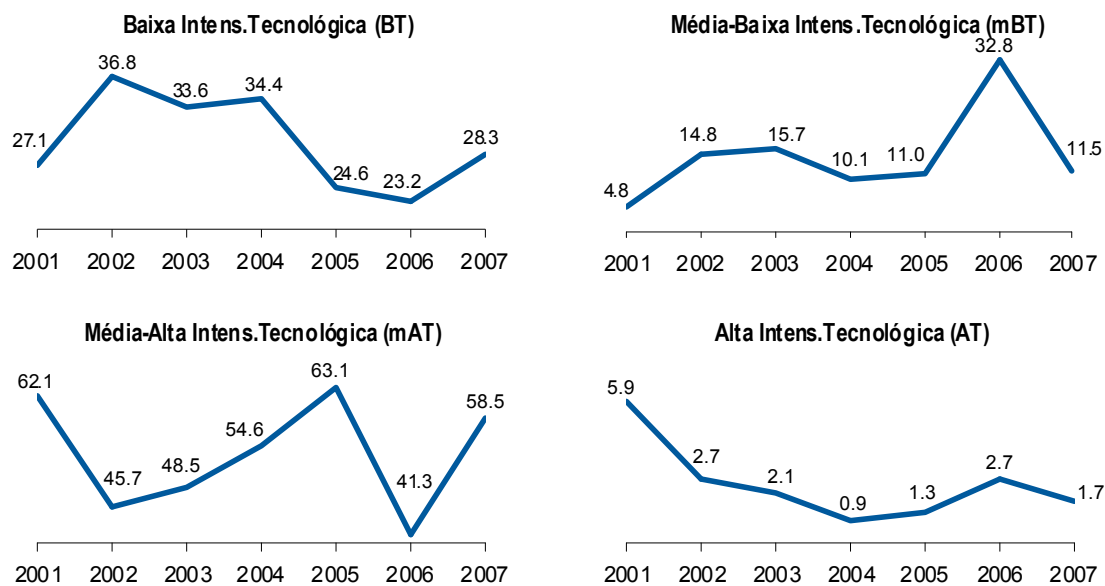
Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Comtrade Database (extração em Agosto de 2008) e de dados de base do INE: 2000 a 2005 - últimas versões; 2006 - 2ª versão.

Nota: Conversão de US\$ a Euros à taxa média anual; conversão Cif-Fob através de factor fixo.

Os produtos industriais transformados podem ser classificados segundo o seu grau de intensidade tecnológica. Em 2007, segundo cálculos efectuados a partir de dados de base do INE, 58,5% das exportações destes produtos para o México inserem-se na categoria de **média-alta intensidade tecnológica**, 28,3% na de **baixa intensidade**, 11,5% na de **média-baixa**, e 1,7% na de **alta intensidade tecnológica** (Figura 1).

**Figura 1 – Exportações de produtos industriais transformados por grau de intensidade tecnológica**

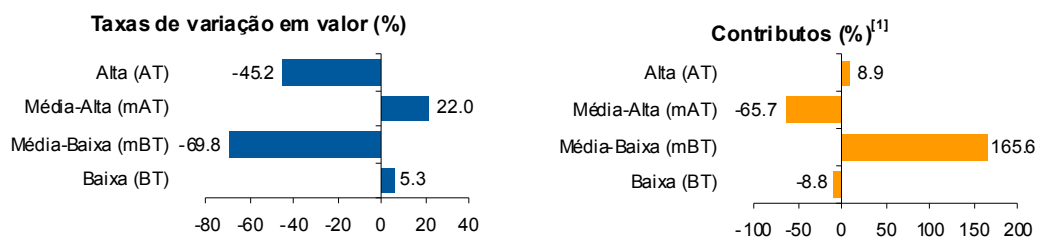
(em percentagem do total dos produtos industriais transformados)



Fonte: GEE a partir de dados de base do INE (2001 a 2005 - últimas versões; 2006 - segunda versão; 2007 - terceira versão).

Na Figura 2 encontram-se representadas as taxas de variação e os contributos de cada sector de intensidade tecnológica para a taxa de crescimento das exportações portuguesas de produtos industriais transformados para o México em 2007.

**Figura 2 – Taxas de crescimento das exportações de produtos industriais transformados por grau de intensidade tecnológica e contributos das suas componentes<sup>4</sup>**



Fonte: GEE a partir de dados de base do INE (2001 a 2005 - últimas versões; 2006 - segunda versão; 2007 - terceira versão).

### 3 – Investimento directo estrangeiro bilateral

O investimento directo quer de Portugal no México quer do México em Portugal é irregular e pouco significativo. Em 2007, o México ocupou a 62<sup>a</sup> posição no ranking do investimento bruto de Portugal no exterior e a 81<sup>a</sup> no investimento do exterior em Portugal.

O investimento de Portugal no México tem privilegiado as áreas de “actividades financeiras” e de “actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas”. Têm incidido também nesta última área os escassos investimentos mexicanos em Portugal.

<sup>4</sup> Contributos para a taxa de crescimento das exportações de produtos industriais transformados, análise *shif share*:  $TVH \times (\text{peso no ano anterior}) \div 100$  – em percentagem

**Anexo 1 – Os cinco principais mercados de origem das importações mexicanas por produtos SH-2 e posição relativa de Portugal**

SH-2	Descritivo sintético	2005			2006			
		País	10 <sup>6</sup> US\$	Peso	País	10 <sup>6</sup> US\$	Peso	
85	Máquinas e aparelh electr; grav/reprod imagem e som; suas partes  Peso no total em 2006 - 22,1%	<b>Total SH-2</b>	<b>48 218.1</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>56 521.6</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	18 343.1	38.0	1 EUA	19 700.3	34.9	1
		China	7 110.3	14.7	2 China	10 608.2	18.8	2
		Japão	5 606.7	11.6	3 Japão	6 059.1	10.7	3
		Coreia SL	3 114.3	6.5	4 Coreia SL	5 292.5	9.4	4
		Malásia	2 470.5	5.1	5 Malásia	2 958.9	5.2	5
		Portugal	59.9	0.1	31 Portugal	56.9	0.1	30
84	Reactores, caldeiras, máquinas e aparelh mecânicos, e suas partes  Peso no total em 2006 - 16,6%	<b>Total SH-2</b>	<b>35 984.5</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>39 853.9</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	16 936.8	47.1	1 EUA	18 726.9	47.0	1
		China	4 566.6	12.7	2 China	5 655.2	14.2	2
		Alemanha	2 439.6	6.8	3 Alemanha	2 600.6	6.5	3
		Japão	2 102.1	5.8	4 Japão	2 327.1	5.8	4
		Coreia SL	1 505.9	4.2	5 Coreia SL	1 293.2	3.2	5
		Portugal	96.0	0.3	22 Portugal	88.4	0.2	24
87	Veíc automóveis, tractores, ciclos, outr veíc terrest; suas partes  Peso no total em 2006 - 9,8%	<b>Total SH-2</b>	<b>22 043.8</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>25 046.5</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	12 244.1	55.5	1 EUA	13 741.4	54.9	1
		Brasil	2 033.2	9.2	2 Japão	2 627.8	10.5	2
		Japão	1 842.0	8.4	3 Brasil	2 029.3	8.1	3
		Alemanha	1 722.2	7.8	4 Alemanha	1 883.6	7.5	4
		Canadá	1 563.7	7.1	5 Canadá	1 792.1	7.2	5
		Portugal	4.9	0.0	32 Portugal	7.0	0.0	29
39	Plástico e suas obras  Peso no total em 2006 - 6,2%	<b>Total SH-2</b>	<b>14 349.2</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>15 942.9</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	11 301.7	78.8	1 EUA	12 518.2	78.5	1
		China	510.9	3.6	2 China	628.9	3.9	2
		Japão	407.5	2.8	3 Japão	446.5	2.8	3
		Coreia SL	396.1	2.8	4 Canadá	405.4	2.5	4
		Alemanha	368.8	2.6	5 Coreia SL	402.6	2.5	5
		Portugal	3.1	0.0	42 Portugal	5.0	0.0	38
27	Combustíveis, óleos e ceras minerais; destilados; mat betuminosas  Peso no total em 2006 - 5,7%	<b>Total SH-2</b>	<b>12 168.8</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>14 475.8</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	8 359.5	68.7	1 EUA	8 735.1	60.3	1
		Austrália	467.8	3.8	2 Países Baixos	788.8	5.4	2
		Espanha	365.3	3.0	3 Argentina	529.9	3.7	3
		Arábia Saud	351.4	2.9	4 Itália	453.9	3.1	4
		Antilhas Holand.	270.4	2.2	5 Austrália	449.1	3.1	5
		Portugal	4.3	0.0	42 Portugal	20.2	0.1	34
90	Aparelh óptica/fotog/cinema /medida/precisão/médicos/outros ; partes  Peso no total em 2006 - 3,9%	<b>Total SH-2</b>	<b>7 004.3</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>9 917.8</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	3 422.6	48.9	1 EUA	3 642.3	36.7	1
		Japão	1 091.0	15.6	2 Coreia SL	1 676.2	16.9	2
		Alemanha	440.8	6.3	3 Japão	1 400.4	14.1	3
		China	413.8	5.9	4 China	926.7	9.3	4
		Coreia SL	229.3	3.3	5 Alemanha	513.6	5.2	5
		Portugal	1.0	0.0	45 Portugal	1.4	0.0	47
72	Ferro fundido, ferro e aço  Peso no total em 2006 - 2,7%	<b>Total SH-2</b>	<b>5 615.9</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>6 971.1</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	2 262.6	40.3	1 EUA	2 754.7	39.5	1
		Japão	466.2	8.3	2 Japão	570.3	8.2	2
		Itália	399.6	7.1	3 Itália	459.9	6.6	3
		Brasil	359.8	6.4	4 Brasil	445.4	6.4	4
		Alemanha	324.2	5.8	5 Canadá	346.7	5.0	5
		Portugal	0.1	0.0	53 Portugal	1.2	0.0	42
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço  Peso no total em 2006 - 2,4%	<b>Total SH-2</b>	<b>5 506.2</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>6 255.1</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	3 674.3	66.7	1 EUA	3 978.7	63.6	1
		China	316.1	5.7	2 China	438.8	7.0	2
		Alemanha	253.2	4.6	3 Japão	291.8	4.7	3
		Japão	246.3	4.5	4 Alemanha	245.9	3.9	4
		Asiáticos n.e.	195.0	3.5	5 Asiáticos n.e.	230.8	3.7	5
		Portugal	1.3	0.0	48 Portugal	2.1	0.0	45
29	Produtos químicos orgânicos  Peso no total em 2006 - 2,4%	<b>Total SH-2</b>	<b>5 567.3</b>	<b>100.0</b>	<b>Total SH-2</b>	<b>6 077.7</b>	<b>100.0</b>	
		EUA	3 603.0	64.7	1 EUA	3 829.5	63.0	1
		Alemanha	247.7	4.4	2 Alemanha	281.5	4.6	2
		Irlanda	214.6	3.9	3 Irlanda	269.8	4.4	3
		Itália	194.2	3.5	4 China	244.4	4.0	4
		China	179.4	3.2	5 Itália	161.4	2.7	5
		Portugal	38.4	0.7	15 Portugal	42.8	0.7	18

Fonte: GEE, a partir de dados de base UN Statistics Division - Comtrade Database (extracção em Agosto 2008).

## **Iniciativas e Medidas Legislativas**



## INICIATIVAS E MEDIDAS LEGISLATIVAS

### 1. INICIATIVAS

INICIATIVA	SUMÁRIO
<p>Reunião Informal ECOFIN</p> <p>Nice (França), 12 – 13 de Setembro de 2008</p>	<p>Do debate ocorrido no Conselho ECOFIN Informal de 12 e 13 de Setembro de 2008 destacam-se os seguintes pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Avaliação da estabilidade financeira na União Europeia:</b> Os Ministros e os Governadores dos Bancos Centrais procederam à análise dos principais desenvolvimentos e riscos nos mercados financeiros, bem como das principais questões políticas inerentes a este contexto, tendo efectuado igualmente uma avaliação intercalar da implementação do roteiro, acordado em Outubro de 2007, em resposta à turbulência financeira. As medidas destinadas a restabelecer a confiança através de uma maior transparência e responsabilização deverão ser executadas sem demora.</li> <li>▪ <b>Supervisão financeira:</b> Após debaterem a questão de uma melhor coordenação das medidas de controlo e supervisão dos agentes financeiros na Europa, os Ministros e os Governadores pronunciaram-se a favor de uma aplicação uniforme das regras comunitárias por parte das autoridades de supervisão. Para esse efeito, os dados enviados pelos bancos a estas autoridades deverão ser harmonizados até 2012. Foram igualmente propostas, pela Presidência, soluções em matéria de reforço da coordenação das diferentes autoridades nacionais que supervisionam os grupos financeiros transfronteiriços a operar em vários países europeus.</li> <li>▪ <b>Situação económica, com avaliação da contribuição do BEI para apoio às PME e de questões energéticas:</b> Os Ministros discutiram a situação macroeconómica na UE, bem como a necessidade de uma resposta concertada por parte dos estados-membros. Foi acordada que esta resposta deveria ser baseada em quatro pilares: i) livre funcionamento dos estabilizadores automáticos, mantendo-se o esforço para respeitar o limite de 3% de défice definido no Pacto de Estabilidade e Crescimento; ii) continuação da implementação de reformas estruturais, as quais contribuem para o aumento do poder de compra através do aumento da concorrência; iii) apoio do Banco Europeu de Investimento às PME's, através do aumento da disponibilidade de fundos.</li> <li>▪ <b>Taxas reduzidas de IVA para a prossecução de objectivos de política sectorial:</b> Houve lugar a um debate sobre o impacto económico da aplicação de taxas reduzidas de IVA e sobre a questão de saber se estas constituem, ou não, um instrumento adequado à prossecução de objectivos de política sectorial, tendo ficado acordado que o funcionamento eficiente do mercado interno deveria igualmente ser tido em consideração nesta análise. Foram discutidos, em particular, os argumentos económicos que poderão justificar um recurso adicional às taxas reduzidas (alguns países manifestaram-se favoráveis à redução das taxas de forma a criar mais emprego, diminuir os preços no consumidor ou desencorajar a economia paralela), bem como questões relativas às finanças públicas. Esta discussão prosseguirá no ECOFIN de 7 de Outubro, tendo por base factos fornecidos pela Comissão.</li> </ul>
<p>Investimento</p>	<p>O Conselho de Ministros de 11 de Setembro de 2008 aprovou duas minutas de contratos de investimento a celebrar pelo Estado Português, a Embraer, Empresa Brasileira de Aeronáutica, S. A., a EPH, SGPS, S. A., e a EC, Estruturas em Compósitos, S. A., que têm por objecto a construção de duas unidades industriais desta última sociedade, localizada em Évora.</p>

## INICIATIVA

## SUMÁRIO

O primeiro projecto consiste na criação de uma unidade industrial dedicada em exclusivo à produção de conjuntos em materiais compósitos para o sector aeronáutico. O investimento, que ascende a um montante total de 52,2 milhões de euros, envolve a criação de 129 postos de trabalho e permitirá alcançar em 2017, ano do termo da vigência do contrato, um volume de negócios acumulado de cerca de 78,6 milhões de euros.

O segundo projecto de investimento consiste na criação de uma unidade industrial dedicada à produção de estruturas aeronáuticas metálicas a partir de peças e conjuntos, em ligas de alumínio, aço e titânio, operando sob o conceito de Lean Manufacturing. Este centro será equipado com a tecnologia mais avançada disponível no mercado e será dotado de recursos e processos que deverão permitir o domínio do fluxo produtivo, bem como altos níveis de eficiência, qualidade e produtividade. O investimento, que ascende a um montante total de 117 milhões de euros, envolve a criação de 440 postos de trabalho directos e permitirá alcançar em 2017, ano do termo da vigência do contrato, um volume de negócios acumulado de cerca de 255 milhões de euros.

O grupo Embraer, onde se integra a EC Estruturas em Compósitos S.A., dedica-se ao desenvolvimento, produção e comercialização de aviões e serviço pós-venda sendo, presentemente, uma das maiores empresas no sector aeronáutico a nível mundial.

## Projecto de interesse estratégico

O Conselho de Ministros de 11 de Setembro de 2008 reconheceu o interesse estratégico do Projecto de Investimento da Itarion Solar, Lda. para efeitos de enquadramento nas tipologias de investimento susceptíveis de apoio no âmbito do Sistema de Incentivos à Inovação do QREN.

Este investimento consiste na criação, em Vila do Conde, de uma unidade industrial de produção de células fotovoltaicas a partir de silício, tecnologia inovadora em Portugal, com uma capacidade instalada de 100 mega Watt peak por ano com potencial para se estender até 250 mega Watt peak por ano.

O projecto de investimento em causa ronda os 99,7 milhões de euros e prevê a criação de 200 postos de trabalho, dos quais 142 com nível de qualificação superior, prevendo-se o alcance de um volume de vendas acumulado de 2008 a 2017 de 2,2 mil milhões de euros.

O projecto da Itarion Solar, Lda. contribui para o aumento das exportações, dado que a totalidade da produção se destina ao mercado externo, e potencia a utilização da energia solar contribuindo, a prazo, para a meta nacional de produção de energia eléctrica a partir de fontes renováveis

## Energia

Realizou-se em Lisboa, nos dias 15 e 16 de Setembro, a Lisbon Innovation and Renewable Conference. O Ministro da Economia fez uma análise resumida da situação energética nacional, referindo ser objectivo do Governo que Portugal aumente para 31%, em 2020, o actual consumo de energia primária a partir de fontes renováveis (22,5% do total).

Este objectivo deverá ser alcançado através da actuação em três diferentes áreas: eficiência energética, transportes e produção de electricidade. O esforço exigido será distribuído em metade para as áreas da eficiência energética e modernização do sistema de transportes com recurso um maior uso de biocombustíveis. A outra metade será através da adaptação do sistema de produção de electricidade.

No domínio da eficiência energética e dos transportes será necessário que se atinja uma melhoria de 10% até 2015. No que respeita aos biocombustíveis, o objectivo implica que terão de representar pelo menos 10% do consumo de combustíveis rodoviários. Por último, o sector da produção de electricidade

## INICIATIVA

## SUMÁRIO

requer a instalação de mais 14.000 MW até 2020 de forma a aumentar a contribuição das energias renováveis. Para que o objectivo seja alcançado deverá ser executado o seguinte plano:

- Construir 8 grupos de ciclo combinado com uma capacidade de 3.200 MW;
- Instalar mais 6.000 Mw de potência eólica;
- Lançar um programa de barragens, que consiste no reforço da potência de 6 barragens já existentes e na construção de 10 novas barragens, de forma a instalar mais 2.875 Mw;
- Lançar 15 concursos para novas centrais de biomassa e concretizar a construção outras centrais anteriormente licenciadas, num total de 250MW de potência instalada;
- Desenvolver projectos inovadores e de referência na vertente solar e microgeração.

## 2. SELECÇÃO DE MEDIDAS LEGISLATIVAS

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
<p><i>Concessão de subvenções públicas</i> Decreto-Lei n.º 167/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>Estabelece o regime jurídico aplicável à concessão de subvenções públicas, considerando estas como toda e qualquer vantagem financeira atribuída, directa ou indirectamente, a partir de verbas do Orçamento do Estado. O conceito de subvenção pública compreende as indemnizações compensatórias, cuja concessão e fiscalização se regem pelo disposto no presente decreto -lei, sem prejuízo das especificidades decorrentes de regime comunitário ou de lei especial. Consideram-se indemnizações compensatórias quaisquer pagamentos efectuados com verbas do orçamento do Estado a entidades públicas e privadas, de acordo com regime previsto no presente diploma, que se destinem a compensar custos de exploração resultantes de prestação de serviços de interesse geral.</p> <p>O presente decreto-lei aplica-se aos actos praticados e aos contratos celebrados ou cuja revisão intercalar ou renovação ocorra após a data da entrada em vigor do mesmo, ou seja, 1 de Janeiro de 2009.</p>
<p><i>Reprivatização da Siderurgia Nacional</i> Decreto-Lei n.º 168/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>Aprova a 3.ª fase do processo de reprivatização da Siderurgia Nacional — Empresa de Produtos Longos, S. A. A reprivatização é regulada pelo presente decreto-lei e pela resolução do Conselho de Ministros que estabelece as condições finais e concretas da operação necessária à sua execução. Realiza-se mediante a alienação de acções, correspondentes a 10 % do capital da sociedade, por venda directa a ser realizada pela PARPÚBLICA — Participações Públicas, SGPS, S. A.. A alienação será feita a entidade com experiência de gestão no sector siderúrgico e cujas relações mantidas com a Siderurgia Nacional — Empresa de Produtos Longos, S. A permitam a continuidade do projecto empresarial desenvolvido desde o início do respectivo processo de reprivatização.</p>
<p><i>Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM)</i> Decreto-Lei n.º 169/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>Procede à terceira alteração ao Estatuto da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 473/99, de 8 de Novembro, visando essencialmente o ajustamento do regime de financiamento da CMVM. São alterados os artigos 9.º, 11.º, 12.º, 20.º, 25.º - A, 28.º e 30.º a 33.º do Estatuto da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários. É republicado, em anexo ao presente decreto-lei, o Estatuto da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários.</p>
<p><i>Projectos de Potencial Interesse Nacional (PIN)</i> Decreto-Lei n.º 174/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>Aprova o Regulamento do Sistema de Reconhecimento e Acompanhamento de Projectos de Potencial Interesse Nacional, constante de anexo ao presente decreto-lei.</p> <p>O presente Regulamento estabelece as regras procedimentais para o reconhecimento e acompanhamento dos projectos de potencial interesse nacional (PIN). Podem ser reconhecidos como PIN os projectos que representem um investimento global superior a 25 milhões de euros e reúnam cumulativamente um conjunto alargado de requisitos identificados neste Regulamento. Também podem ser reconhecidos como PIN projectos de valor igual ou inferior a 25 milhões de euros desde que tenham uma forte</p>

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
<p><i>Fundo de Apoio ao Financiamento à Inovação (FINOVA)</i></p> <p>Decreto-Lei n.º 175/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>componente de investigação e desenvolvimento (I&amp;D), de inovação aplicada ou de manifesto interesse ambiental e desde que satisfaçam as condições fixadas para os projectos de valor superior.</p> <p>Não podem ser objecto de reconhecimento como PIN os projectos que se integrem nas CAE G (Comércio), J (Financeiro), K (Imobiliário), M (Educação) ou N (Saúde e acção social).</p> <p>Cria o FINOVA — Fundo de Apoio ao Financiamento à Inovação, com a natureza de fundo autónomo, vocacionado para a criação ou reforço de instrumentos de financiamento de empresas em particular, no que se refere às pequenas e médias empresas (PME) e aos projectos com maior grau de inovação.</p> <p>O FINOVA prossegue uma série de objectivos, entre os quais:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Estimular a intervenção do capital de risco no apoio às pequenas e médias empresas, privilegiando as fases iniciais do seu ciclo de vida e o investimento em projectos inovadores;</li> <li>Reforçar o sistema de garantia mútua e promover o alargamento da sua intervenção às empresas e projectos que, pelo seu risco e cariz inovador, apresentem maiores dificuldades na obtenção de financiamento bancário;</li> <li>Promover a contratualização, junto do sistema financeiro, de linhas de crédito com vista a facilitar o acesso ao financiamento por parte das PME;</li> <li>Dinamizar a utilização de novos instrumentos, nomeadamente os instrumentos convertíveis de capital e dívida e a titularização de créditos destinados a potenciar o financiamento de pequenos projectos de PME;</li> <li>Apoiar o financiamento da inovação numa perspectiva integrada das componentes de capital e dívida;</li> <li>Incentivar o empreendedorismo, assegurando o capital e as capacidades de gestão requeridas em iniciativas de maior risco;</li> <li>Incrementar o empreendedorismo jovem e o empreendedorismo feminino, enquanto processo de mobilização dos jovens e das mulheres para a vida económica activa, bem como apoiar as iniciativas empresariais particularmente propícias à promoção dos factores de igualdade entre homens e mulheres.</li> </ol> <p>A prossecução dos objectivos deste Fundo concretiza-se através da participação em instrumentos para financiamento de capital próprio e de capital alheio. O FINOVA é financiado pelas contribuições do Estado Português e da União Europeia, pelos rendimentos provenientes da aplicação dos seus recursos e por quaisquer outros bens, rendimentos ou receitas que lhe sejam atribuídos.</p>
<p><i>Mercados Abastecedores</i></p> <p>Decreto-Lei n.º 177/2008 - I Série n.º 164, de 26/08</p>	<p>Estabelece o regime jurídico aplicável aos mercados abastecedores. Por mercado abastecedor entende-se a área delimitada e vedada que constitui uma unidade funcional composta pelo conjunto das instalações e infraestruturas que lhe estão afectas, e que actua como entreposto comercial integrando produtores e distribuidores que participam na actividade de comércio por grosso de produtos alimentares e não alimentares, e em outras actividades complementares.</p> <p>A instalação de mercados abastecedores pode ser da iniciativa de entidades públicas ou privadas. Os mercados abastecedores devem dispor de um regulamento interno. O presente diploma revoga o Decreto - Lei n.º 258/95, de 30 de Setembro.</p>
<p><i>Comércio a retalho e conjuntos comerciais</i></p> <p>Lei n.º 42/2008 - I Série n.º 165, de 27/08</p>	<p>Concede poderes ao Governo para estabelecer o regime de taxas de autorização dos processos de instalação e modificação dos estabelecimentos e conjuntos comerciais e adaptar o regime geral das contra – ordenações às infracções decorrentes da violação das regras fixadas para estas unidades comerciais. A presente autorização legislativa é concedida para permitir a fixação de taxas sobre os pedidos de autorização e de coimas cujo montante seja proporcional à dimensão dos processos, capacidade económica dos infractores e do benefício decorrente da prática da infracção. A autorização legislativa concedida pela presente lei tem a duração de 180 dias.</p>
<p><i>Energia primária</i></p> <p>Lei n.º 51/2008 - I Série n.º 165, de 27/08</p>	<p>Estabelece a obrigatoriedade de informação, através de facturação detalhada (em percentagem), relativamente à fonte de energia primária utilizada e é aplicável a todos os comercializadores de energia que operem no mercado nacional de energia (electricidade, gás, petróleo e outros combustíveis de origem fóssil). A presente lei entra em vigor 180 dias depois da sua publicação, produzindo efeitos a partir do período de facturação imediatamente subsequente.</p>
<p><i>Conselho de Prevenção da Corrupção</i></p> <p>Lei n.º 54/2008 - I série n.º 171 de 4/09</p>	<p>Cria o Conselho de Prevenção da Corrupção (CPC), entidade administrativa independente, a funcionar junto do Tribunal de Contas, que desenvolve uma actividade de âmbito nacional no domínio da prevenção da corrupção e infracções conexas. Constitui incumbência do CPC: i) Recolher e organizar informações relativas à prevenção da ocorrência de factos de corrupção activa ou passiva, de criminalidade económica e financeira, de branqueamento de</p>

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
	<p>capitais, de tráfico de influência, de apropriação ilegítima de bens públicos, de administração danosa, de peculato, de participação económica em negócio, de abuso de poder ou violação de dever de segredo, bem como de aquisições de imóveis ou valores mobiliários em consequência da obtenção ou utilização ilícitas de informação privilegiada no exercício de funções na Administração Pública ou no sector público empresarial; ii) Acompanhar a aplicação dos instrumentos jurídicos e das medidas administrativas adoptadas pela Administração Pública e sector público empresarial para a prevenção e combate dos factos referidos na alínea i) e avaliar a respectiva eficácia; iii) Dar parecer, a solicitação da Assembleia da República, do Governo ou dos órgãos de governo próprio das regiões autónomas, sobre a elaboração ou aprovação de instrumentos normativos, internos ou internacionais, de prevenção ou repressão dos factos referidos na alínea i).</p>
<p><i>Programa Nacional de Barragens de Elevado Potencial Hidroeléctrico</i> Decreto-Lei n.º 182/2008 - I série nº 171 de 4/09</p>	<p>Estabelece o regime de implementação do Programa Nacional de Barragens de Elevado Potencial Hidroeléctrico (PNBEPH). A implementação do PNBEPH incumbe ao Estado, no âmbito da execução da política ambiental e energética, podendo admitir a colaboração de entidades privadas para esse efeito.</p>
<p><i>Plano Nacional de Acção para a Inclusão</i> Resolução do Conselho de Ministros n.º 136/2008 – I série nº 174 de 9/09</p>	<p>Determina a elaboração do Plano Nacional de Acção para a Inclusão 2008 - 2010 até Setembro de 2008, mandatando para o efeito o coordenador do Plano Nacional de Acção para a Inclusão (PNAI), por despacho do Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social. Compete ao coordenador(a) do PNAI garantir a implementação, monitorização e avaliação do PNAI.</p>



## **Abreviaturas Utilizadas**



## Abreviaturas

Siglas	Descrição	Siglas	Descrição
ACAP	Associação do Comércio Automóvel de Portugal	IUC	Imposto Único de Circulação
ADSE	Direcção-Geral de Protecção Social aos Funcionários e Agentes da Administração Pública	IVA	Imposto sobre o Valor Acrescentado
AL	Administração Local	MC	Ministry of Commerce of China
AR	Administração Regional	Michigan	Universidade de Michigan
BCE	Banco Central Europeu	NBSC	National Bureau of Statistics of China
BEA	Bureau of Economic Analysis	OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
BGFRS	Board of Governors of the Federal Reserve System	OE	Orçamento do Estado
BLS	Bureau of Labour Statistic	ONS	Instituto Nacional de Estatística do Reino Unido
BP	Banco de Portugal	OT	Obrigações do Tesouro
BT	Bilhetes do Tesouro	PIB	Produto Interno Bruto
BVLP	Bolsa de Valores de Lisboa e Porto	SDDS	Special Data Dissemination Standard
CE	Comissão Europeia	SFA	Serviços e Fundos Autónomos
CEDIC	Certificados Especiais de Dívida de Curto Prazo	SNS	Serviço Nacional de Saúde
CGA	Caixa Geral de Aposentações	SS	Segurança Social
CMVM	Comissão do Mercado de Valores Mobiliários	UE	União Europeia
COGJ	Cabinet Office Government of Japan	VAB	Valor Acrescentado Bruto
DGEG	Direcção-Geral de Energia e Geologia	Yahoo	Finance Yahoo
DGO	Direcção-Geral do Orçamento		
DGT	Direcção-Geral do Tesouro		
EPA	Economic Planning Agency		
Eurostat	Instituto de Estatística da UE		
FBCF	Formação Bruta de Capital Fixo		
FMI	Fundo Monetário Internacional		
FSO	Instituto Nacional de Estatística da Alemanha		
GEE	Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e da Inovação		
GPEARI	Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério das Finanças e da Administração Pública		
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional		
IGCP	Instituto de Gestão do Crédito Público		
IGFSS	Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social		
IHPC	Índice Harmonizado de Preços no Consumidor		
INE	Instituto Nacional de Estatística		
INSEE	Instituto Nacional de Estatística da França		
IPC	Índice de Preços no Consumidor		
IRC	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas		
IRS	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares		
IS	Imposto do Selo		
ISM	Institute for Supply Management		
ISP	Imposto sobre os Produtos Petrolíferos e Energéticos		
ISTAT	Instituto Nacional de Estatística da Itália		
ISV	Imposto sobre Veículos		

Siglas	Unidades
%	Porcentagem
p.p.	Pontos percentuais
p.b.	Pontos base
EUR/USD	Dólar americano por Euros
EUR/GBP	Libra Esterlina por Euros
MM3	Médias móveis de três termos
SRE	Saldo de Respostas Extremas
VA	Valores Acumulados
VC	Varição em Cadeia
VCS	Valor Corrigido de Sazonalidade
VE	Valor Efectivo
VH	Varição Homóloga
VHA	Varição Homóloga Acumulada
VITA	Varição inter-tabelas anualizada. Refere-se a Instrumentos de Regulamentação Colectiva de Trabalho publicados desde o início do ano até ao mês em referência e com início de eficácia no respectivo ano
VM12	Varição Homóloga dos últimos 12 meses

## Notas Gerais

Unidade – unidade/medida em que a série se encontra expressa.  
 : representa valor não disponível.  
 - não se aplica.